



(1730 e 1734)

Notícia das Reais Obras de Mafra



Mafra, 2016

Introdução

O documento ***Notícia das Reais Obras de Mafra*** encontra-se conservado na biblioteca do Palácio Nacional de Mafra (Cofre 20.166), apresentando várias partes, a primeira das quais datada de Mafra, 24 de Agosto de 1730 e uma última parte com um excerto adaptado de uma carta detratora das obras de Mafra, de cujo teor se conhecem versões mais completas em outros arquivos ⁽¹⁾, datada de Évora, 14 de Outubro de 1734.

O manuscrito, de autoria desconhecida, compõe-se de duas partes dedicadas ao Mestre-de-obras, o Engenheiro-mor Custódio Vieira. A primeira parte tem por título *Notícia das Reais Obras de Mafra* (em prosa e em verso) e, a segunda parte, *Obras de Mafra*, versando sobre as torres, sinos e fontes (também em prosa e verso). Acresce a estas duas partes principais outros anexos como o extrato de uma carta detratora, os versos que se puseram no quarto do Rei referentes a Mafra, os versos de Tomás Pinto Brandão, os *Quintetos ao Dia Universal* e um texto final, em prosa, denominado *Emblema*.

O autor do manuscrito começa por referir que visitou Mafra no ano de 1729, a instâncias de alguns amigos residentes na capital, "*para ver o lavarinto que a fama tinha divulgado por todo o mundo*" ⁽²⁾. Às Reais obras refere-se num tom de surpresa pois, o que tinha ouvido dizer sobre as mesmas, em nada correspondia à grandeza do que lhe era dado a conhecer.

Diz que o soberano ordenou a construção do templo "*fabricado à romana para o que mandou alquitetos (sic) a Roma a verem como os dela estavam fabricados*" ⁽³⁾, tendo a obra sido iniciada em 1716, sob direção do Engenheiro Custódio Vieira, e que à data da sua visita o "*manífico templo estava principiado*", porém muitas outras partes do complexo monumental estavam ainda em fase de construção relativamente atrasada.

De uma forma detalhada e impressionista, refere a sua chegada a Mafra, na noite do dia 21 de Outubro de 1729 "*logrey tantas luzes que não paresião senão luminárias em huma grande sidade*" ⁽⁴⁾.

É também notável a referência à urgência com que as obras na basílica estavam a ser realizadas em 1729, com o designio de estarem prontas para o ato solene da sagração,

¹ Manuscrito encadernado a carneira castanha com ferros a ouro (encadernação contemporânea), com 22x16x1,5 cm.

² *Notícia das Reais Obras de Mafra*, pp.41

³ Idem, pp.3

⁴ Idem, pp.6.

que deveria ocorrer no aniversário do Rei, a 22 de Outubro de 1730. Para o efeito o monarca "*mandou por todo este Reino ordens espresas para que viessem todos os ofeciais de canteiros, alvenéis, caboqueiros e carpinteiros, que nelle se achasem a elle trabalhar, e os que não quizesem vir os trosesem prezos, com também trabalhadores, o que se executou à risca e, não satisfeito com tudo isto, mandou vir de todas as prasas a maior parte do mellitar para nesta obra trabalharem, assim emfantaria como cavalaria e emfantaria conforme o seu ofício ou abelidade (...) o que tudo cauzou ademiração pella muita multidão de gente que de huma e outra parte*" ⁽⁵⁾. Segundo alguns autores ⁽⁶⁾ nesta altura trabalhariam em Mafra simultaneamente cerca de 45.000 pessoas, dos quais cerca de 25.000 seriam canteiros e alvenéis e ainda cerca de 7.000 militares, facto que seria efetivamente impressionante. Outra notícia relevante é a indicação de que as luzes que se viam no arraial à noite seriam para iluminar os "*oficiais de camteiro que fazião serão à noite para dar aviamento à obra*" ⁽⁷⁾, fazendo jus ao dito popular de que em Mafra se trabalhou de dia e de noite para a edificação do monumento.

Ao raiar da aurora do dia 22 de Outubro de 1729, diz o autor que "*tocarão as caixas e hum sino as Avé Marias segundo o estillo romano, logo os ofeciais de canteiros e dos mais oficios forão trabalhar para os lugares que lhe estavam asinalados e determinados, e os soldados formados como quando vão emtrar de guarda ouservando o melitar de guera com seus ofeciais e caixas tocando*" ⁽⁸⁾.

De seguida o narrador visitou a Vila de Mafra, descrevendo-a muito sumariamente, passando a referir o arraial com os pontos de abastecimento de água, os locais de venda de víveres, as cavaliariças, as casas de madeira, etc.

Em capítulos próprios descreve a fachada da basílica e o seu interior. Maravilhado, assegura que "*será este templo, dispois de acabado, huma das sete maravilhas do mundo*" ⁽⁹⁾. Por diversas vezes menciona os mármore coloridos, os retábulos e colunas, e muitos ornamentos, que ele declara ser incapaz de descrever pela profusão dos mesmos.

Ao estado da obra menciona que as capelas laterais, dedicadas a Nossa Senhora da Conceição e a São Pedro de Alcântara, "*dezião ser para sanchrestias mas já se vêm outras para hese ifeito prinsipiadas*" ⁽¹⁰⁾ e que o "*zimbório da Capella-Mor este está feito de madeira, por asim ser conveniente, porque quer Sua Magestade que se diga Missa na Igreja anttes de pouco tempo, mas a maior parte de pedraria que elle à-de*

⁵ Idem, pp.3-4.

⁶ Veja-se, por exemplo, *O Monumento de Mafra, Guia Illustrado*, Lisboa, A Editora, 1906, pp.11.

⁷ *Notícia das Reais Obras de Mafra*, pp.6.

⁸ Idem, pp.6.

⁹ Idem, pp.12.

¹⁰ Idem, pp.17.

levar já se vê feita, como também vinte e quatro colunas que há-de levar em roda de pedra branca" (11).

Quanto ao restante da obra, ou seja, os palácios, convento e várias dependências, o autor é muito perentório em referir que estes estavam no início, algumas das áreas estariam mesmo ainda em alicerce – *"os Reais palácios e dromitórios que a ronda do templo estão, se achão prensipiados, que pellos grandes alicerces que ainda se vão abrindo" (12).*

Os palácios estavam começados a partir das torres ainda ao nível térreo, pois dá conta de que ainda só estariam assentes as pedras de base que iriam suportar as colunas que dividem os pórticos de acesso a cada uma das alas palacianas (13).

A parte conventual estava bastante mais atrasada, referindo-se muito sumariamente algumas das áreas principais, como o refeitório e as cozinhas. Relativamente à ala sul pouco se poderia dizer, atendendo a que ainda se estavam a abrir os alicerces.

A segunda parte do texto explica a forma como se construíram as torres e de como os sinos foram transportados e instalados. A narrativa, realizada meses depois, em Setembro de 1730, começa por saudar de forma veemente o Engenheiro-mor Custódio Vieira. A ele se atribui a boa "fábrica" das torres e dos engenhos que foram necessários para içar as pedras e os sinos, impressionante feito de construção. O referido mestre-de-obras, tendo em conta que os engenhos comuns não conseguiriam dar resposta às necessidades da edificação, criou um outro engenho, *"que se não tem visto outro em Portugal nem ainda em Reinos estrangeiros; hé este emgenho feito a modo de rede para o qual vierão carpinteiros da Ribeira das Naos e está pella parte de fora das torres, ficando-lhe ellas no meio, e por este emgenho levão toda a pedraria que querem" (14).*

Quanto aos sinos que vieram da Bélgica por mar, subindo o Tejo deram entrada pelo Rio Trancão (junto a Sacavém), até Santo Antão do Tojal, onde os mesmos foram benzidos pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, em presença do Rei e dos Infantes Dom Francisco e Dom António. No dia 21 de Setembro de 1730 os sinos foram transportados para Mafra, tendo aí chegado cerca das quatro horas da tarde, em carros propositadamente construídos com quatro rodas, de forma a suportar as muitas toneladas de bronze.

¹¹ Idem, pp.18.

¹² Idem, pp.19.

¹³ Idem, pp.19.

¹⁴ Idem, pp.44.

O autor dá ainda notícia dos sistemas de abastecimento de água, nomeadamente das nascentes, ramais, fontes, reservatórios, tanques, do poço com a nora, etc.

O presente texto, escrito ao sabor da oralidade, é um importante documento que narra, na primeira pessoa e como testemunha direta, uma fase muito especial da obra de Mafra, afigurando-se como um retrato do momento que, talvez por ser tão espontâneo, é simultaneamente fácil de compreender e de imaginar as ações nele descritas. Esta característica é acentuada pela passagem a verso da mesma narrativa, demonstrando um virtuosismo inesperado.

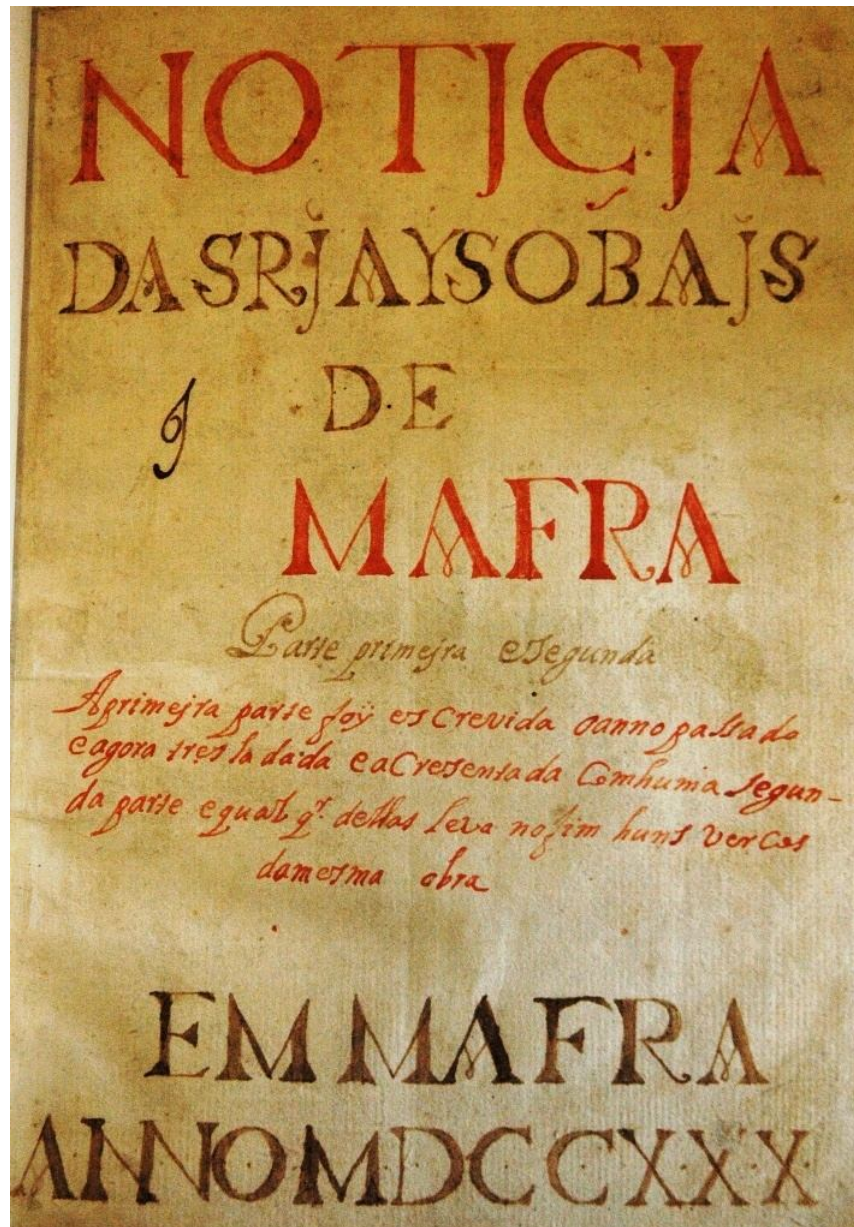
Mesmo correndo o risco de alguma dificuldade de compreensão, optámos por manter, tão fiel quanto possível, a grafia na transcrição do documento. Neste texto ressalta a recorrente falta de pontuação e uma construção frásica e ortográfica muito deficiente, o que não raras vezes obriga a um redobrado cuidado na leitura. Outra das dificuldades observadas foi a incorreta montagem dos fólhos na atual encadernação, sendo que na transcrição recompusemos a sequência original do texto ⁽¹⁵⁾.

[Leitura Paleográfica: Sérgio Gorjão, 2104]

Crítérios de Transcrição:

- Desdobraram-se todas as abreviaturas.
- Atualizou-se o uso de “i” e “j”, conforme o seu valor vocálico e consonântico.
- Grafemas ou lexemas entrelinhados pelo escriba foram integrados com recurso a barras oblíquas: \.../.
- Pontualmente, entre parenteses retos [...], inseriram-se grafemas em falta no texto.
- Erros evidentes da autoria do escriba assinalaram-se com: (sic).
- A numeração de página (original ou não) foi grafada ente barras oblíquas de modo a melhor se perceber a partição das páginas, porém minimizando o impacto textual.

¹⁵ As atuais páginas 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53 e 54, correspondem àquelas que na encadernação se encontram nas posições das páginas: 47, 48, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 49 e 50, respetivamente.



[Frontispício do manuscrito]

/frontispício/

Notícia das Reays Ob[r]ais de Mafra ⁽¹⁶⁾

Parte primeira e segunda

A primeira parte foy escrevida o anno passado e agora tresladada e acrescentada com huma segunda parte e qualquer delas leva no fim huns verços da mesma obra

EM MAFRA

ANNO MDCCXXX

¹⁶ O Título encontra-se grafado da seguinte forma: “Notiçja das Rjays Obajs de Mafra”. No verso: “Reg.40751”.

Dedicatória ao mestre das mesmas obras

Hum bom espaso de tempo estive conciderando a quem podia dedicar e oferecer esta minha lemitada oferta porque para ofereçer a algum coriozo temia não fose bem resebida pois se elle como tal tivese composto algumas obras com mais venevolência (sic) aplauzo e melhor estilo não reseberia esta minha mas antes a sencuraria (sic): e para a oferecer a algum subgeito que o não emtendese nem tivese visto as obras de que dou a tal Notícia e muito menos serião bem recebidas mas entre huma e outra consideração ocorreu-me ao pensamento que as ofertas se hão-de porpocionar a calidade da pessoa a quem se fazem e como esta minha não consta senão de dar alguma notícia das Riais Obras a que vossemecê por ordem de Sua Magestade que Deos guarde deu precípio em o anno de 1716 junto à Vila que hoje hé chamada de Mafra que fica distante da Corte de Lisboa para a parte do Norte sinco ou seis légoas e como El Rey o achou a vossemecê capás de dar precípio a tão grandiozo templo como nele nelle (sic) se vai esprementando também me pareseo que a ninguém por direito se devia dedicar nem ofereçer esta ofertta senão a vossemecê como pessoa dependente pois como mestre saberá relevar os erros que no discurso desta notícia acha desculpando-me por eu não aprender lettras para me esplicar como meresem estas obras nem eu o poso fazer por \se/ não achar mais e no meu entendimento mais disera mas como não estão acabadas não se pode dar verdadeira notícia mas a corizidade me fas tomar este atrevimento esperando da pessoa de vossemecê que reseberá este meu pequenino trabalho com a venevolência que de tão generozo subgeito como vossemecê se espera e atendendo ao humilde escravo que a seus pés se espõem não ser homem de lettras nem aprendeo para compor nem escrever obras que hiso foi /2/ bom para o nosso príncipe dos poettas o Camões e em nosos dias Thomás Pinto Brandão e supostto que as obras deses fosem compostas em versos romances silvas outavas desimas e esta minha seja por estenso também no fim della se achará huns versos que dão a mesma notícia das obras os quais campos hum curiozo que nas mesmas obras se achava no tempo em que eu a ellas vim o que se declara no prólogo em huma e outra coiza achará vocemecê muitas que não pertendem a notícia que pertendo dar porém tudo nella tem precípio e fim assim bem sei que não achará vossemecê no discurso della que vai como as de que dou notícia me sem \servem/ mas suprirá as minhas faltas e capacidade do seu primor e lhe digo sertamente que a não dar a minha grosaria na mão de vossemecê seria muito sensurada por cuja cauza espero de vossemecê o resebimento que pertendo Deos guarde a pessoa de vossa mercê como muito lhe dezejo.

Humilde servo de vossemecê

Prólogo

Asertadamente como sempre falou o muito alto e poderozo Rei Dom Pedro que Deos tenha em glória pai do que hoye Reina que Deos guarde quando dezia que entre os filhos que tinha hum era bom para marinheiro este hé seu filho o Senhor Infante Dom Francisco pois hoje em dia se esprementa não partirem naos de guarda costa que não seja elle o piloto que as deite fora da Barra e outtro hé Sua Magestade que Deos guarde que hé tão emclinado aos cultos devinos que não sattisfeito com as esmolas que dá e obras que fas por sua contta assim em conventtos de religiozos e religiozas como também em muitas Igrejas ordenou o mandar fazer hum templo fabricado à romana para o que mandou alquitetos (sic) a Roma a verem como os della estão fabricados: chegados que forão logo ordenou que se fundase mas que direi do sítio que buscou para este ifeito sendo pois o anno de 1716 em huma Vila que chamão Mafra que fica distante da sidade de Lisboa coiza de seis légoas pouco mais ou menos para a parte do norte mas como sempre andou este monarca em tudo asertado também o andou em o sítio que buscou para fundar tão grandiozo templo como ao diante se verá pois além de ser muito sadio tem grandes visttas para o mar e para a terra. Buscou pois este sítio e em tal anno mandou que se lhe dese prencípio o que pontualmente se executou metendo-se nelle mestres e ofeciais como elle merecia e andarão nella emthé ao anno pasado de 1729 que por lhe pareser que levava hum tal prencípio que nunca seria acabado ou por ser prezizo dar-lhe fim com brevidade mandou por todo este Reino ordens espresas para que viesem todos os ofeciais de canteiros alveneis caboqueiros e carpinteiros que nelle se achasem a elle trabalhar e os que não quizesem vir os trosesem prezos com também trabalhadores o que se executou à risca e não satisfeito com tudo isto mandou vir de todas as prasas a maior parte do mellitar para nesta obra trabalharem assim emfantaria como /4/ cavalaria e emfantaria conforme o seu ofício ou abelidade e a maior parte delles cavando terra de huma serra para se abrirem o[s] alisereses e a cavalaria acarretando em carros que para este ifeito se fizerão o que tudo cauzou ademiração pella muita multidão de gente que de huma e outra parte se ajuntou pello que se abalou muita a ver este lavarinto (sic) e entre ella fui eu também pois se via que tudo andava suspenso e revoltado porque não ficava saloya que não fose padeira que não viesse a ella vender pão e todo o mais género de mantimento. Parti emfim da sidade de Lisboa em 21 de Outubro e cheguei a estas Riais Obras pellas 9 oras da noite e assim que amanheseo dia logo fui ver o maior acampamento que podia por qualquer monarca em a mais grandioza campanha como adiante direi e não vai escrito como meresem tão grandiozas obras mas somente como de meu fraco emtendimento de pode esperar

nem vai com todas as miudezas que nella se achão porque somente vendo-se hé que ficará satisfeito e não faso esta corozidade para aquelles que as virem pois estes dirão que não fis nada à vistta do muito que ellas meresem nem o faso que seria emtão hum nunca acabar de as emgrandeser mas sim a faso para aquelles que as não virem porque estes ficarão ademyrados porém eu não poso ivitar o que não vá às mãos mãos (sic) de todos com que assim se alguns dos que as virem lhe acharem erros que comfeso que são muitos lhes peso que os emmendem saberei adonde hereis pois como poderá fazer obras sem erros quem nunca aprendeo lettras mas já veijo que me estão que se eu as não sabia nem me atrevia a dar precípio a huma obra que dependia de tanto saber que o não dese bem sei /5/ que tem muita rezão mas a ella responde muitos coriozos souberão que eu tinha vindo a ver estas Riais Obras e outro sim sabem que eu sou coriozo ainda que falto de lettras me pedirão com empenho lhe contase o que nella avia e como por letra se não pode bem esplicar tanta máquina mal se poderia de palavras e para o satisfazer em parte tomei este pouco trabalho e por esta rezão me parese não poderão ignorar e eu fazer coiza a que eu me não atrevia a dar fim como meresião estas coizas e suponho tenho satisfeito ao que me poderão dizer aquelles que saibam mais lettras do que eu também achei nestas Riais Obras hum amigo que sei hé coriozo que tendo-se retirado a ella a trabalhar ou não sei se diga para dar della notícia pois ovi andar com muita atensão e corozidade a tomar seu asento este compos huns versos nos coais dá conta a hum seu amigo destas Riais e nunca vistas obras e por me parecer que estavam com alguma elegância os juntei aqui acrescentando nelles para dar mais verdadeira notícia do que ella não tinha feito ainda aserto o que fis para maior veneração.

Vale

Prinçpia a obra

Aos 21 dias do mês de Outubro de 1729 party da pópula cidade de Lisboa bem nominada no mundo não só por nella astitir o Muito Poderoso Rey Dom João o 5.º de Portugal mas também por ser mimoza dos mimos de que a fas abundante o famoso Tejo que tendo seu nasimento em tão remottas terras vai com as suas claras correntes fartelizando vay ribeiras anthé ser depultado no osiano desviado desta Lisboa 3 légoas donde como digo party para vir ver as Riais Obras de Mafra que Sua Magestade que Deos guarde mandou fazer neste terrentório adonde cheguei pelas 9 oras da noite e logrey tantas luzes que não paresião senão luminárias em huma grande sidade estas luzes herão os oficiais de camteiro que fazião serão à noite para dar aviamento à obra e como fose a estas horas me fui recolher e assim que veio a aurora partiando das partes orientaes como Rei dos planettas e com seus raios dando lus ao mundo comesarão logo a tocar inumeraveis caixas e tanbores a alvorada e assim que ouvi este estrondo me levantei quando vejo hum acampamento de baracas como se fose huma grande canpanha ou fronteira não sendo bastantes para se acortelar tanta gente como vy de huma para outra parte tantos costeis como estão feitos e assim que de todo o Sol comonicou ao Mundo sua lus tocarão as caixas e hum sino as avé marias segundo o estillo romano logo os ofeciais de canteiros e dos mais officios forão trabalhar para os lugares que lhe estavam asinalados e detreminados e os soldados formados como quando vão emtrar de guarda ouservando o melitar de guera com seus ofeciais e caixas tocando diante ostentavão huns para huma parte e outros para outra // a trabalhar segundo a hordem que tinham do mestre da obra huns abrir minas outros a dar serventia aos ofeciais e outros a fachina a terra que se tirava de huma grande serra que se há-de arazar logo atrás delles vierão os de cavalaria com carros acarretar a terra o que se contenuou dahi por diante todos os dias que suposto não servião para o melittar de guera aqui gainhão o seu jornal de sento e sincoenta ou dois tostões conforme o seu trabalho ou abelidade com o seo soldo e fardas e dinheiro e pão esta aqui mesmo asintista que lho dá com a mesma ordem com que entrão no trabalho pela manhã despe[n]são ao jantar e à noite quando vão de retirada os coais deixamos trabalhar cada qual em seu officio ou lugar fui logo ver a Vila para dela dar noticia a qual hé muito lemitada de moradores ainda que por tenpos tem esperanças de ser delles abundante tem seu puloirinho feito ao uso antigo com sua cadeia e Caza de Câmara e no meyo da Vila tem a Igreja que lhe serve de matriz a qual tem somente três altares de quem hé padroeiro Santo André e no seu dia se fas huma feira grandioza o que fes na Vila alguma coiza vistoza hé estar entre dois pequenos valles e ter vezinha huma Quinta do Conde que hé muito abastesida de muitas árvores de

frutto e grandes pinheirais com alttos vimeiros e faias adonde os pasarinhos vão dar seus descanttes logo por sima da Vila para a parte do norte está hum pequeno espício (sic) de frades arábidos debaixo da ordem capuxa o qual tinha hum pequeno espital (sic) adonde se curava toda a gente da obra que nesta adoesia à custa de Sua Magestade mas como a gente fose crescendo em abundância na obra também forão crescendo os doentes que por não caberem já no espital que o espício tinha mandou El Rey fazer outro maior com várias emfermarias no que ainda neste anno de 730 se comtenua com mais /8/ extenso acudindo a elle com todos os prestes neseçarios de botica médico surgião e o mais que nesse citão: e também ao pé deste espício está huma ermida feita de madeira no meio de hum canpo com porttas para todos os lados adonde se dis Misa todos os domingos e dias Santos para a gente da obra ouvir porque como hé muita não pode fazer no espício por ser pequeno e mais na Igreja da Vila ainda que está em pouca distância.

Deichando este espício e vindo para o sitio donde está a obra se acha huma fonte adonde está hum tanque ainda que pequeno esta fonte dá águoa a alguns moradores que aqui estão e a maior parte delles estão aqui desde o prensípio da obra a qui chamão a boa vista pella ter boa para todas as partes aqui tem pre[n]sípio huma ladeira e em cuja distância vindo por ella asima a mão esquerda fica o asiento do pam de monisão por de trás do qual vai huma rua que tem de huma parte os almazens adonde estão os minestérios da obra e da outra parte estão fereiros e saralheiros que fazem muita feragem pera a obra da outra parte da ladeira estão inumeráves cazas de madeira para tavernas com duas corentezas com huma rua pelo meio no simo desta ladeira está hum largo plaino donde se fas a praça e se vende toda a casta de matimentos aqui tanbém estão as cavalharises de El Rey e muitas cazas também de madeira mas cobertas de telha argamasadas de cal também serve por aqui muitas baraquas armadas no canpo para a gente que continuamente está vindo por não haver ainda cómodos suficientes para ella aqui finalmente está hum asoge ou caza donde se vende peixe almontazado (sic) todo aos arátes em sebo sardinhas /9/ acabado de ver tudo isto se dá com a vista na frontaria da Igreja que está para o poente todo de pedraria lavrada que me parese não averá no mundo outtro tenplo a este comparado vindo a pedra para elle destas cores como adiante direi de tão pouca distância que não chega a duas légoas e desse quizera dar verdadeira notícia mas não pode aver juizo que por letra posa esplicar nem juntamente se pode dar por não estar acabado tudo o que compete ao grandiozo tenplo o qual se dis ser para frades mas não se sabe de que ordem assim será porque se vê precipiados grandes dormitórios como em seu lugar direi e agora vou a dar huma sombra da notícia da frontaria deste grandiozo tenplo.

Frontaria da Igreja

Está a frontaria deste templo para a parte como já disse do poente e tem entrada huma escada redonda que suposto não esteja acabada já serve que terá vinte e hum degraus salvo se pelo tempo adiante se desmancharem e se fizer de outra maneira e subindo os primeiros quatorze se dá com a vista em hum espasozo campo todo lagiado e subindo os sete que ficão se dá com a vista na primeira frontaria na qual estão sinco arcos três ocupão a frontaria da Igreja e dois ocupão duas torres huma por banda junto aos cunhais da mesma Igreja que no tempo em que eu qua vim a primeira ves o anno pasado já hião no olivel da mesma Igreja mas contenuando a obra nellas em pouco tempo sobem tanto que paresem querer chegar às nuves combaterem com os ares como se vai esprementando e deixando as mais obras das tores para o seu lugar /10/ e tornando aos arcos que ocupão a largura da Igreja que são três e entre elles estão duas portas huma de huma parte outra da outra tem mais a entrada seis colunas emteirisas de grande comprimento e maior grosura de pedra branca que paresem ser do mais fino alabaste e bem terão de altura mais de corenta palmos e de grosso não a sercão dois homes estre estas colunas e as tores estão dois nichos que se dis serão para algumas imagens nos peis das tores estão duas portas que têm sua serventia para trás das torres e das Igrejas por donde se vai para duas portas como em seu lugar direi que agora quero dar conta da frontaria que levantando-se os olhos se dá com a simalha rial que está asentada sobre huns capitéis que no simo das colunas estão com tal artifice feitos que não paresem de pedra feitos por mãos de canteiros senão de pao feitos por emtalhadores pelas muitas miudezas que têm dois destes capitéis sustentão huma sacada da pedra de estremada grandeza que por corizidade a fui medir e achei que tinha de comprido mais de trinta e dois palmos e largo doze esta pedra ocupa a porta principal do coro que por sima dos arcos fica acham-se também nesta frontaria do coro 6 colunas com pouca diferença das de baxo estando duas em cada tore nas ombreiras das portas que têm cada huma das torres que tem duas e o que toca a frontaria do coro tem três que corespondem aos arcos de baixo e nas portas principais do coro estão dois nichos que corespondem as duas portas que estão entre os arcos de baixo e as colunas que estão na frontaria do coro sam de três pedasos e também com seus capitéis da mesma fábrica que os debaixo que não sei a que mais podia chegar a saber de hum homem. /11/

Em duas destas colunas prencepia o frontespício da Igreja e também fabricado que suas miudezas são taes que se não estrevo (sic) a esplicá-las no meio do qual está hum ócullo com suas molduras bem fabricadas e no simo tem huma flor do feitio de hum girasol e hum serafim e por baixo tem outras flores de outro feitio e das bandas outras mais miudezas que me não atrevo a esplicá-las; de feronte para o norte e sul se vão

seguindo as torres em cada huma o seu mostrador para relógios (sic) por sima dos quais estão duas pedras cavadas que chegão thé ao meio do mostrador que hé de três pedras e a cavada tem hum serafim no meio logo per sima deste mostrador se seg[u]e hum arco para o poente e outro para o nasente que dizem serão para sinos e nas fases do norte e sul assim de huma como de outra parte tem também portas mas não sam de volta redonda nos lados deste arco e porta vão duas colunas por fora que fazem outo; mas que direi eu do emgenho que se fes para levarem tais pedras a tanta altura o qual hé feito de madeira com huma alquitetura que por letra se não pode esplicar só digo que outro semelhante se não tem visto no Reino deixo já esta máquina das torres e voi-me (sic) à frontaria que deixada a parte adonde estão os arcos e emtrando para dentro se dá com a vista em a porta principal da Igreja que está acompanhada de duas mais que aos lados tem com duas colunas lavradas lavradas (sic) emtre ellas com suas meias canas e seus capitéis grandiozamente feittos e levantando os olhos se acha por sima da mesma porta huma atarge (sic) de pedra pretta liza com seus raios brancos que sertamente a fazem mui vistoza está no meio de humas bem lavradas molduras e oulhando para hum e outtro lado que hé para o norte e sul e para o alto se vê huma /12/ abóbada mui vistoza de pedra preta e branca que não parese senão azebiche (sic) emcastoado em cristal e o que a fas digna de maior vista hé alguma pedra emcarnada que a compasos tem para cada hum dos lados ficam duas cazas ou mensão dellas huma está na frontaria da Igreja e a outra no vão das torres huma e outra de abóbada e cada huma tem três nichos de pedra preta e na caza que está nos vão das torres está huma genella que cai para trás da Igreja e esta fica fronteira de hum arco que cai para a escada que sobe para a Igreja na Caza que ocupa a frontaria da Igreja mesmo dentro da bóveda (sic) está huma escada de huma banda e outra que vão em caracol para as duas torres de sento e tantos degraos e juntamente vai outra escada para os palásios de huma e outra parte como adiante direi emthé aqui não tenho dito nada à vista do que se vê em se entrando pela porta prinsipal da Igreja que hiso hé hum nunca acabar porém poso dar alguma notícia do que vy que tudo não pode aver pena que por lettra posa esplicar por serem coizas sem número.

Corpo da Igreja

Em se entrando pella porta principal deste Céu aberto se hé que no mundo há Ceo aberto pois como Çeo se pode comparar porque se de noite se vei matizado com estrellas o Çeo em parco este se vê de dia matizado não de estrellas mas de várias cores de pedra e se as estrellas se vê de noite brancas em campo azul aqui se vê azul preto amarello emcarnado em campo branco finalmente será este tenplo dispois de acabado huma das sete maravilhas do mundo e se quantos /13/ templos há em Roma adonde elles têm fama se ajuntasem a este pareseria huma sombra pois todos ficarião deitados por terra à vista deste não me quero cansar em o emgrandeser que paresera fábulla a quem o não vir que quem ovir ficará descansado e verá que o que digo não hé nada à vista do que elle merese nem me quero deter mais e vou-me dizendo parte do que vy assim que emtrei pela porta principal dentro e me vi da parte de dentro virei o rosto para trás e dei com os olhos em huma pedra que está logo por sima da porta na qual estão todos os sacrificios devinos e martírios de Nosso Senhor Jezus Cristo tão próprios que sendo feittos em pedra paresem feitos em pao pellas muitas miudezas que tem esta pedra dizem huns que a fizera hum aprendis de canteiro e outros que a fizera huns ofeciais de serto não sei quem a fes só o que sei que hé huma das boas pedras que o templo tem estão também desta parte de dentro outras duas colunas como as de fora com suas meias canas e capitéis muito bem brincados e gravemente feitos logo por sima da pedra que digo está huma targe coadrada de pedra preta com suas molduras muito bem feitas de pedra branca logo por sima estão três janellas de pedra azul com grades que caem do Coro para a Igreja está logo ao emtrar da porta principal à mão direita huma pia para água benta que erro seria não fazer nella sem embargo de não me ser possível poder explicar sua perfeição mas saibão os coriozos que me não escapou pello que deixo esta frontaria e vou dizendo o mais que aqui se emserra; deitei os olhos para o Corpo da Igreja o qual está tão brincado de várias pedras em molduras que outra não pode aver tem três capellas por banda as coais tem ao emtrar cada huma o seu arco de pedra preta e branca e com suas grades de /14/ pedra azul e nas primeiras duas que estão à mão direita e esquerda estão duas escadas de pedra que vão dar ao Coro e do Coro vão outras duas para sima da Igreja e tornando as Capellas hé de saber que em se emtrando por qualquer das Capellas se vê nas suas trebunas em cada huma de pedra emcarnada que terão de alto 18 palmos e com bastante grosura o que serve de trebuna hé huma boa pedra também emcarnada tem também cada huma das capellas 4 nichos de pedra preta por dentro e por fora bra[n]ca com dois portais de pedra preta gravíssimamente obrados com suas simalhas muito bem feitas e está cada portal destes avaliado em doze mil cruzados e sam cobertas de abóbeda de várias cores custozamente acabada no fim destas três

Capellas que todas se comonhão de humas para as outras está hum pasadiso ou coredor que vai para huma porta travesa que a Igreja tem huma para o norte outra para o sul as coais têm cada huma a sua escada de dois lansos nestes coredores que tem hum por cada banda tem huma escada em caracol que vai emthé o simo da Igreja juntamente vai para coatro coredores que rodeião toda toda (sic) a Igreja em cuja distância estão inumaraves coizas coizas (sic) destes coredores caem outo genellas por banda com suas vidrasas com caixilhos de ferro e os vidros feitos na Fábrica Rial de Sua Magestade muito mais comtem a bóbeda da Igreja mas pelas suas miudezas serem sem número as não poso esplicar e quero-me hir aos coredores em que atrás falei que vão da Igreja para as portas travesas porque tem ainda muito mais que dizer assim que se entra em qualquer deles para hir do Corpo da Igreja para a porta travesa se achão duas portas huma para a banda das Capellas que estão no Corpo da Igreja esta tem quatro colunas de pedra emcarnada que terão de altura trinta palmos e em coadro coatro porém duas destas /15/ estão meias metidas na parede que fica para a banda das Capellas que se comcorem como já diçe de humas para outras e a outra porta vai para as capellas colateraes esta tem também 4 colunas também emcarnadas e da mesma altura que as outras porém estas estão livres e não metidas na parede emthé aqui o Corpo da Igreja o que dise delle não hé nada porque muito mais se emserra nelle mas por serem coizas emnumaraves hé emposível o poderem-se esplicar por letra principalmente o lageado dela que está feito com todo o custo de várias corres (sic) de pedra assim o Corpo da Igreja como as Capellas que ele tem.

Capella-mor

Capella-mor e colateraes.

Sertamente que não sei em que me mety em querer dar noticia de tão grandiozo templo porque não tenho dito nada à vista do que está e se vê na capella-mor e nas duas colateraes não sei verdadeiramente o que à-de dizer porque me parece não averá no mundo emtendimento que por pena posa explicar tanta máquina quanto mais o meu entendimento sendo tam lemitado que a não dar a minha rudeza na mão de quem a saiba desimullar cahiria mil vezes na sensura de ig[n]orante porém como a minha occupação não hé de compor livros nem letras aprendi para o tal ifeito me parece que não cahirei na sensura pois o meu dezejo hé bom de por aqui tudo mas hé emposível que me fogue o pensamento de humas para outras coizas e deixando as mais miudezas que pelo discurso da Igreja vy hé de saber que deixadas as Capellas que no Corpo da Igreja estão chegando-se ao meio do cruzeiro e assim se vê logo de feronte no altar-mor huma /16/ imagem de Cristo Crusificado mas não está ainda sagrada a qual pasa de ter 16 palmos de alto com dois Anjos aos peis hum com as mãos abertas e outro com huma apontando para o peito e outra também aberta e anbos com os olhos na Imagem de tinha também muitos mais anjos que parece estão no ar e como não está nada de todo acabado não se pode dar notícia de mais que se à-de fazer o que serve de trebuna hé huma grande pedra emcarnada com suas molduras por fora tinha também duas colunas de pedra emcarnada de grande altura que bem terão de comprido mais de 40 palmos com seos capitéis muito bem feitos tem esta Capella-mor 4 coredores como já dise anda-se por elles toda a Igreja em redondo e suposto no Corpo da Igreja se não vê senão dois hé por não dar lugar a se ver mais as Capellas porém na Capella-mor se vê todos com declaração que os primeiros dois têm jenellas com grades de pedra azul e preta estas não têm vista para fora mas as dos andares asima sim e não tem grades mas sim peitoris lizos com algumas molduras e vidrasas pela parte de fora com caixilhos de ferro como as do Corpo da Igreja na bóveda desta capella não falo porque hé hum asonbro esmaltado de várias pedrarias de muitas cores dispois virando o corpo para huma e outra parte a saber: para o norte e sul estão dias Capellas colaterais e cada huma tem as suas duas colunas que emitão as da Capella-mor em cor grosura e grandeza e em cada huma destas Capellas se vê os mesmos andares que se vê na Capella-mor e no redondo destas tem cada hum 4 janelas em cada hum dos coredores sendo os 2 primeiros de grades e os outros de peitoris como as da Capella-mor tem também em /17/ cada cantto huma janella também de grades a saber: nos canttos que fas o arco do Corpo da Igreja duas e nos que fas o arco da Capella-mor outras duas está este Rial templo fundado por huma exorde que hé de feitio de huma Cruz sendo a ástia della o Corpo da Igreja os brasos as Capellas Colateraes e está com huma distinção que nem todos dão nella nem eu a dera

ser o perguntar e depois esprementá-lo e hé que tanto comprimento tem o Corpo da Igreja como tem as capellas colateraes do altar de huma ao altar da outra tem mais estas Capellas cada huma sua porta que vão para duas capellas que estão emtre as colateraes e a Capela-mor: estas dezião ser para sancrestias mas já se vêm outras para hese ifeito prinsipiadas como em seu lugar direi estas portas são pretas como as das Capellas do Corpo da Igreja nas coais se vê coatro colunas de pedra emcarnada de bastante altura duas estão da parte das Capellas Colateraes e as outras duas das sancertias (sic) e em se entrando em qualquer dellas se vê huma pessoa em pedras pretas tão claramente como se fora em espelhos de vidro cristalino estão de tal sorte feitas que não se emfada ninguém de oulhar para ellas de qualquer destas Capellas vai huma escada para debaixo do cham por onde estão vários coredores athé o primeiro tem vinte e tantos degraos de pedra branca neste coredor se vê alguns almazems e cazas pequenas a modo de carneiros porque está este tenplo sobre abóbada de pedra por baixo da qual se corre tudo à roda em se pasando este coredor se dese outra escada de dezaseis degraos da mesma pedra por onde se vai para hum grande pasadiso que está por do baixo do cham e dele se asobe huma larga escada com dois lansamentos de degraos que vai sahir a hum coredor /18/ dos dromitórios dos frades que já se vê em boms termos à roda do mesmo tenplo como logo direi e não se sabe para que ordem de frades seja e tornando às sancrestias hé de saber que tem outra porta que della se vai para a Capella-mor as coais em tudo imitão as que vão para as colaterais os altares de todas estas Capellas são de pedra branca as coais pelas miudezas que levão não estão acabadas nem poso dizer se llevarão mais cores e na fase de fora no meio de muitas molduras está huma Crus à romana que imitão a humas que estão nos pés dos arcos que estão à emtrada das Capellas do Corpo da Igreja que são com pedra preta com raios amarellos em campo branco: direi também de hum zimbório que tem cada huma destas capellas o qual serve para lhe dar lus qualquer delles tem 8 colunas coadradas com suas meias canas que poderão ter de altura doze palmos e de llargo dois o zimbório poderá ter vam 10 ou 12 pouco mais ou menos proque o não medi a pedra: a pedra que serve de abóbada hé emteirisa que poderei eu dizer do zimbório da Capella-Mor este está feito de madeira por assim ser conviniente porque quer Sua Magestade que se diga Missa na Igreja antes de pouco tempo mas a maior parte de pedraria que elle à-de levar já se vê feita como também vinte e quatro colunas que há-de levar em roda de pedra branca este está cuberto de chunbo por sima tem também humas bem feittas barandas de pedra que rodeão toda a Igreja e Capellas em dois andares com tamtas simalhas e diversos labores que somente visttos se podem comprender isto comtém em suma o Rial tenplo isto sendo pello alto no qual se não vê mais Imagens do que a que está na Capella-Mor mas não está ainda benzida só se vião muitos Serafims tanto no Corpo da Igreja como nas Capelas agora direi alguma coiza do palásio e dromitórios /19/ como também da Rial emtrada nova que se quer mandar fazer.

Palácios e Dromitórios

Não hé bem que fique em silêncio os Reais palácios e dromitórios que a ronda do templo estão se achão prensipiados que pellos grandes alicerses que ainda se vão abrindo se vê que dispois de acabados terão muito que ver primeiramente prensipião os palácios na mesma frontaria da Igreja para a parte do norte e sul tendo seu prensípio nos cunhais das duas tores e no cabo de 4 janellas com suas grades de ferro que estão para cada huma das partes se vê prensipiada huma grandioza emtrada com 3 portas no meio das coais se vê já os pés para duas colunas que an-de ter cada huma emtrada e contenuando destas emtradas para o norte e sul se vê 2 tireiros muito fortes pernsipiados (sic) e da altura delles e da altura delles (sic) e dos palácios não poso dar notícia por não estarem acabados e em se entrando por qualquer destas emtradas dentro se vê huma espasozza escada que vai para a porta principal da Igreja e juntamente para os dromitórios logo aqui se vê muitas Cazas prensipiadas com seos arcos de pedraria branca bem lavrada isto tanto da parte do norte como do sul com seus coredores de feronte, e de feronte das emtradas vão dois hum de cada parte que core do norte a poente destes logo ao prensípio vão huma porta que fica de feronte da travesa da Igreja está hum espasozo tereiro no qual se vê hum pasadiso com 6 arcos este vai de huma grande Caza que se vê prensipiada asim do norte como do sul estas dizem que sam para sancrestias porque atravessa o pasadiso destas para a Capella-Mor os arcos deste pasadiso são abatidos e de pedra branca indo-se por estes arcos para trás da Capella-Mor está de feronte desta hum coredor /20/ que corta também do norte ao poente vão sahir outtros mais este tem seu fim em o Claustro do Convento do qual direi logo a este coredor vai sahir a escada em que atrás falei que vai da Capella-mor por baixo do cham e tornando ao prensípio do coredor por de trás da Capella-mor se vê outro que core do norte ao sul com bastante comprimento que atravessa todos os dromitórios e na distância do claro da Igreja tem 16 janellas de feitio de arcos com suas grades 8 ficão do coredor que vai ter aos Cl[a]justos para a parte do norte e outras tantas para a parte do sul e contenuando pelo que vai aos claustos vai de feronte da escada que vem de do baixo do cham guma forte corenteza de cazas que hé o Refeitório e antes que se entre nelle está huma Caza coadrada ou para melhor dizer duas huma fica no mesmo coredor e esta tem 4 porttas não somente grandes mas bem feitas huma para os claustos outra para a escada de baixo do chão outra para trás da Capella-Mor outra para outra Caza que está antes de chegar ao Refeitório esta tem duas portas fora aquela por donde se emtra vai huma para o coredor que corta por de trás da Capella-Mor do norte ao sul e a outra para a primeira Caza do Refeitório que esta tem três fora a por donde se emtra huma vai para o coredor que vai do norte ao sul e as outras duas ficam fronteiras huma da outra estas atravessão o corredor em que

asima falei que está à entrada dos pasadisos outra porta por donde se entra para outra Caza do Refeitório esta hé mais comprida que a outra chega emthé a frontaria do norte de cuja parte falo que a do sul tem ainda pouco de que dar notícia por hinda se hirem abri[n]do alisereses mas suponho que comresponderá em tudo a do norte e tornando ao Refeitório hé de saber que asim esta Caza como a outra o vão rodiadas de cachoros de pedra branca para asentos os coais não sei do que serão pellos não ser ainda e sam de altura 12 ou 13 palmos /21/ de pedra emcarnada a segunda caza do Refeitório hé como já dise bastante comprida em cujo comprimento tem 16 janellas as que estam da parte do poente são sahidas fora para darem lus e as que estão do nasente não são saidas mas têm caixilhos como que serão para alguns painéis na fase que fica para o norte tem duas de grade e outras de caixilhos pretos no meio mas esta também será para painéis porque não sahe fora como as outras e a última janela que fica da parte asim do poente como do nasente também hé de grades de ferro o que não tem as outras tem esta Caza do Refeitório duas porttas fora que vem da outra as coais ficão fronteiras huma da outra huma está para a parte do poente que sai para o primeiro coredor que corta do norte ao sul e a outra para outro coredor que fica do Refeitório o poente este também core da mesma sorte que o outro sai às portas das sallas que são 12 desta parte coaze no fim deste coredor da parte do norte está huma porta que vai para a Cozinha esta hé huma espasoza caza com duas chaminés de ferro com colunas do mesmo muito fortes com dois fornos ao pé esta Cozinha hé de abóbada com seos arcos de pedra branca daqui sahem duas portas para donde se vay para diversas Cazas como são dispensas cazas de amasar e de masos e outras muitas e a outra vai para huma escada que vay para os segundos coredores que corem da mesma sorte que os debaixo e deixadas as mais miudezas a que não poso dar fundamento vamos a dar notícia do claustro que emtra buscarei para que se vá lá ter brevemente vamos atrás da Capella-Mor que hé a mais breve e comua e em termos pelo coredor em que asima falei que corta direito ao nasente pasemos o primeiro que corre do norte ao sul pasemos a escada que vem da Igreja por baixo do cham e as portas fronteiras que vão para /22/ o Refeittório saihamos pela outra fora e daremos no segundo coredor a donde estão as portas das sellas este core também do norte ao sul pasemos emfim este coredor e vamos cortando direito ao nasente sahindo por huma porta fora e damos comnosco no clausto esse hé hum espasozo campo bastantemente grande e quadrado e servirá de jardim está todo rodiado de sellas em três andares e não sei se levará maior altura cada amdar tem 12 que fazem todas 144 isto somente à roda do calusto (sic) com seos asentos por baicho e não tem alpendre como costumão alguns salvo lho fazerem todas estas janellas são de sacadas com seus cachoros por baixo cada andar de seu feitio como também as vergas; deste clausto sahem coatro coredores pellas 4 fases que tem hum vai sahir atrás da Capella-Mor outro vai para a parte do norte e outra fica para o nasente e desta não dou notícia por não estar acabada porque se vai arencando huma grande serra que vay devagar a

respeito do grande rochedo que não vai senão a poder de fogo adonde tem sosedido vários dezastres e neste se ocupa a maior parte do melitar asim infantaria como cavalaria esta saída vai ter a huma grandioza serca adonde se acharão toda avaria[da]de de árvores asim das que dão fructo como das que o não dão no fundo da qual está huma nora da qual autoalmente se está tirando água para gastos da obra e mais vai para hum bem lavrado tanque de pedra branca e redondo do feitio de hum algydar a quarta e última sahida vay para a parte do sul da qual não dou noticia por cauza da mesma serra que se arraza adonde se vêm inumaraves alicerses abertos e outros cheios. Não quero que fique em selêncio as mais augoas nativas que à roda da obra em pouca distância se vão achando para a parte do norte hé a maior forsa dellas em huma quantidade de partes com seus tanques donde chamão o Casal do Pinheiro que fica em /23/ pouca distância da obra está outra fonte que de várias partes se ajuntou ali adonde está hum tanque que bebem a maior parte de gados que aqui andão adonde está outro tanque coberto de abóboda don[de] se tira auga em pipas para se beber por humas chaves de bronze que peza cada huma quantidade de arátes e no mesmo sítio estão outros es que está hum que hé tão grande que pode andar hum barco nelle do qual se tira auga para gastos da obra também por chaves de bronze e logo mais abaixo estão outros donde chamão a fonte que serve e todos têm suas biquas com augoa em abundancia emfim mais desviado está outra fonte que chamão a Murgeira daqui à-de vir augoa para a Cozinha e Refeitório e para as mais partes aonde neseritar e todos estes tanques estão em menos espaso de meia légoa e não ficando desviadas humas das outras 200 pasos asim de augoas hé abastesida como também de ventos prinsipalmente do norte muito mais disera eu desta máquina se estivera acabado também esta augoa que se andão fazendo arcos para ella vir mas como não estão acabados nada não poso fazer o que prometto se chegar a ver thé o fim o farei e se não não faltarão coriozos que com mais miudeza e elegância e emtendimento dêem notícia de tudo que eu não atrevo a dizer mais pois me não acho com sufuciência para hiso e agora direi de huma estrada Rial que Sua Magestade quer mandar fazer de sorte que vá direita a Lisboa arazando altos e baixos e com ifeito a mandou desmanchar e com bandeiras brancas mas vendo que hera empossível arazarem-se tão altas serras como no descurso dela se descobrirão mandou que se demarquase outra do melhor modo que pudese ser de sorte que se emdereitase o caminho tudo o que pudese sem o que se fes emcaminhando-a com bandeiras emcarnadas levando os pés das serras em roda /24/ de modo que se não arazase tanta serra e com ifeito por esta estrada nova dizem que se vão 5 légoas pello que se atalha e pella que hé por Loires por donde comummente vem Sua Magestade são 6 porém não se falta ainda quando se prencipiará e hé o que em suma poso dizer que não tenho dito nada à vista do que meresem que se digão destas Riais e nunca vistas obras porém suprirá a capacidade de quem ler as faltas de quem as escreveo pois o dezejo que tem de servir aos amigos hé que o obrigou a que se metese em coizas tão fundas

queavião mister maior entendimento agora a juntarei hums versos que compos hum coriozo como já dise no prólogo os coais mandou a hum seu amigo pois se retirou para as mesmas obras.

Mafra 24 de Agosto de 1730

Ay Lisboa querida Paraizo deleitozo Já dou a despedida Anciado e penozo	N.º 1	Não fiques admirado No que te quero dizer O caminho hei errado Pello ainda não saber	8
Se me a vida faltar Nesta retirada Não tem que esperar Pella minha chegada	2	Assim que aqui cheguei A esta obra famoza Logo me admirei De coiza tão corioza	9
Nem tenham meus amigos De mim piadade Porque são inimigos De toda a Cristandade	3	Mafra vejo que hé Donde a obra se fundou Na vila logo ao pé Pois El Rey assim o mandou	10
Elles forão cauzadores De eu vir padecer Em tão grandes rigores Imagino morrer	4	Hum grande acampamento De barracas vejo armado Ser me vem ao pensamento A campanha comparado	11
Hum amigo verdadeiro Hé que deixo em Lisboa Inda que seja solteiro Estimo o que hé coiza boa	5	Nem Roma nem levante Nem Oropa nem a'Spanha Nem nas partes de Alicante Há tenpolo de mai fasanha	12
Da minha retirada Parte lhe quero dar E destas Reais obras Se o souber explicar	6	Se de Espanha Felipe quarto Na obra outo mil homes trazia Aqui muito mais sinto E se vê maior quantia	13
Eu sahy desa cidade Em hum dia asinalado De nosa Senhora das Neves Já de agosto cinco ando	7	Pois pasão de trinta mil Homes que aqui andão Se algum ofecial vem hir Logo para aqui o mandão	14

No que toca à Rial villa Hé muy linda povoação Inda que hé pequenina Hé muy linda no brazão	15	O vinho não falta não Que se vende em quantidade E algum hé hum vinagram Que se bebe por neseçidade	22
Ao norte de Lisboa Hé que está adeficada Dizem que hé muito boa E de todos estimada	16	Meu amigo há lá homem Que em nada reparo faz O muito povo com fome Com bom e mau se satisfaz	23
Bem basta ser ao norte Para ser bem sadia Pois vento de toda a sorte Veijo que nella corria	17	As ágoas nesta terra São muitas em quantidade Que nasem de huma serra E correm com brevidade	24
De farta poso dizer Por eu nella adestir Que de comer e beber Em abundância vejo vir	18	Dellas não sey que diga Que gastão em demazia Asim que se emche a bariga Bebendo-a fica bazia	25
Pois todos os dias vêm As saloyas pam vender E muita fruta também Que a gente faz adoecer	19	Igrejas na vila de dis Que só huma an-de achar A qual serve de matris E parese sobeyjar	26
Meter-se nella os vejo Por aqui custar barata E ser pouco o dinheiro De que nesta terra hé falta	20	Por serem poucos os moradores Que aqui nesta terra há Os coais será huma dúzia E não sei se chegará	27
Que poderei eu dizer Das tavernas que são tantas E as veio aqui vender Por coelhos e lebres gatas	21	Tem somente três altares Que tamanha ella hé E o Padroeiro que tem Hé o milagrozo Santo André	28

E no dia em que elle vem Se faz huma feira grandioza Donde vêm a vender tudo E hé muito corioza	29	Aqui estão aseedidos De médico e surgiam Barbeiro e sangrador E mais do que neseçitão	36
Mas logo não mui longe Da provoasão desta villa Está hum piqueno espício Com huma linda ermida	30	Logo ao pei do espício Não sei como isto diga Em o meio de hum canpo Está também huma irmida	37
A qual hé se Santo António E por ser ordem pobrezinha Tem hum goapo espital Em huma pequena cazinha	31	Adonde ouve Missa Tanta máquina de gente Que hé muita em abundância E o digo sertamente	38
Por todo o génoro humano A elle se hir curar Tudo pollo amor de Deos E El Rei asim mandar	32	Porque hera emposível O poder-se ouvir bem Na ermida do espício E na igreja que a villa tem	39
E pellos doentes não caberem No espital que o espício tinha Mandou fazer outro maior Pois que asim muito convinha	33	Mas emfim eu ficara Com os frades em companhia E não pasara adiante Adonde me não estrevia	40
Pois adoese muita gente Da que nesta obra anda E por não se hirem embora Para este espital manda	34	Pois para aqui pasar Hei de mister grande alento Para relatar e escrever As Riais obras deste Convento	41
O governador desta obra Que hé o supertendente Que por ordem de El Rei Governa aqui esta gente	35	Está desviado da villa Trezentos pasos pouco mais Para a banda do nasente Com dois palácios Riais	42

Leva grande frontaria Toda de pedra lavrada Que só suas miudezas Me não estrevo a explicá-las	43	Todos estão em hum olivel Na frontaria da igreja No pre[n]cipio de duas torres Bem hé que mais dois se veja	50
Nem creio que averá Quem tal posa relatar Por hir de huma tal sorte Que se não pode explicar	44	Estas duas torres estão À igreja bem unidas Donde se ão-de por os sinos De relógios e garidas	51
E só visto com os olhos Hé que se poderá querer Tantas coizas como tem Senão podem escrever	45	Não poso explicar A grande altura que tem E o custo com que vão feitas E a galantaria também	52
E se não poso dar notícia De tudo o que aqui vejo Direi aquilo que puder Pois que hese hé meu dezejo	46	Não me quero deter mais Nestas torres afamadas Nem dellas digo nada Por não estarem acabadas	53
Vinte e hums degraos de pedra Se vê logo a entrada Com hum largo no meio De huma redonda escada	47	Deixando esta frontaria E indo mais para dentro Se vê a porta principal Com duas no mesmo asiento	54
No simo desta escada Está a primeira frontaria Que emthé o fronteespício Vai com toda a galantaria	48	Em estas três portas Duas colunas estão Lavradas com meias canas Enthé ao simo da[s] portas vão	55
Nella se vê sinco arcos Que ficão ao por do sol De grande altura e bem feitos Inda os não vi melhor	49	Também tem estas colunas No simo seus capitéis Com suas goapas folhages Tão claras como papéis	56

De huma banda e da outra Desta porta principal Vão duas escadas de pedra Que às altas torres vão dar	57	Não quizera emtrar dentro Sem as muzas me acompanhar Para que ellas comigo Milhor noticia poder dar	64
Tem muito grandes visttas Para a banda do poente Se vê larga vista ao mar Coasy emthé ao nasente	58	Também chamo por Apolo E elle me quizer acodir Para emtrar dentro aver O que logo an-de ouvir	65
Também se vay o zimbório Que vai de madeira por fora Por não aver mais tenpo E ser presizo agora	59	Logo na principal porta Da parte de dentro em sima Está huma goapa pedra De todas a mais devina	66
Não fallo nas mais miudezas De barandas e molduras Que não há outras no mundo Salvo se forem feturas	60	Não quero (sic) que aja outra Em nenhuma parte da terra Todos os sacrafríçios (sic) Hé que nella se emsera	67
Quero-me deser abaicho Ao coro maravilhozo E dar notícia da igreja Donde está o preciozo	61	Todos dizem que hé notório Que a fizera e perparara Hum aprendis de canteiro De que El Rei se maravilhara	68
Este grande coro está Em sima da prinsipal porta Por sima de huma abóbada Grande pedraria nela está posta	62	E mandando-o chamar Logo mandou que pedise Pedio o tempo pr'acabá-la Pois não sabia o que pediçe	69
Em duas cazas devididas Estas abóbadas se vêm E com seus nichos à roda Da mesma pedra também	63	E tendo emtendimento Nesta ora lhe faltou Pello pouco que pedio Coiza que o não remediou	70

Também se vê três capellas Que a igreja tem por banda Cada huma com seu arco E ao emtrar com baranda	71	Em huma ficará eu Morto e já sepultado Mas não quero que digão Não dei fim a comesado	78
De pedra amarella e azul Hé coiza maravilhoza Afirmo que esta igreja Em tudo o mais corioza	72	Para daqui pasar Avia mister de me acompanhar Algum Deos da puesia Que à capella-mor me levára	79
Dos portais de pedra preta Cada huma das capellas tem Com coatro nichos à roda De emcarnada também	73	Hindo delle acompanhado E da sabedoria de Salamão Podia hir a capella-mor Esplicar sua perfeição	80
Estão cobertas de abóbada De pedra de várias cores Com duas colunas nos altares Emcarnadas com seus lavores	74	Hé este templo feito À imitação de huma Crus Com suas portas e jenellas Que a todo elle dão lus	81
Sinco cores tem de pedra Este templo e hé serto Parese céo estrelado Ou neste mundo séo aberto	75	Tem duas capellas colateraes Huma para o sul e outra para o norte E duas colunas nos altares De pedra vermelha e mui forte	82
Tem os altares de pedra Edeficiados à Romana Dispois delles acabados Há-de ser grande fasanha	76	Cada huma terá de altura Corenta palmos ou mais Como os da capella-mor Que são colunas riais	83
E vão minados por bacho Com fermozas seploturas (sic) E grandiozos brazões Com grandiozas molduras	77	Tem coatro andares de corredores Todos com suas janellas Por onde se corre à roda Toda a igreja e capellas	84

As grades de dois andares São de pedra amarella e azul E os outros são de vidrasas Asim do Norte como do Sul	85	De huma e outra parte E por qualquer das anbas Se está vendo huma pesoa Em pedras pretas bem lavradas	92
Todas caem para dentro Deste templo famoso De tudo está bem ornado E muito mais coriozo	86	Desta capella-mor vão Duas portas mui fermozas Para duas sanc[r]estias Que não estão menos ayrozaz	93
Muito tinha a dizer Destas Capellas Colateraes Mas vou-me à Capella mor Não me querendo aqui deter mais	87	Coatro colunas de pedra Cada porta tem à emtrada De muito grande altura E a pedra emcarnada	94
Logo em o simo della Está huma goapa imagem Sobre todo o prasido Leva em tudo mais ventagem	88	Em se emtrando para dentro Outra porta também sai Da mesma forma e feição E para as colateraes vai	95
Tem de alto e comprido Dezaseis palmos medido E não vy outro maior Nas terras que tenho corido	89	Não poso esplicar Do que vejo a grandeza Tanta pedra que paresem Espelhos por natureza	96
Hé de Cristo Crusificado Emcravado e huma crus Donde morreo por nós Somente por nos dar Lus	90	Não falo nas mais muidezas E abóbedas e trebunas Porque imitão as Capellas Em o[s] altares e colunas	97
Quem me dera a ser a guia Que aos ouvidos do povo chegára E com lingoa de frão Tudo melhor esplicara	91	Também destas sancrestias Duas escadas de pedra vão De vinte e tantos degraos Para de baicho do cham	98

Donde estão vários corredores Muito grandes em demazia Para servirem os frades Que aqui estiverem algum dia	99	Na mais obra e aliserces Travalhão des ou doze mil Fora o mais que cada hora E instantes estão a vir	106
Por de trás delles ficão De hum convento dormitórios De sellas e mais cozinhas E Caza de Refeitórios	100	Mandou Sua Magestade Por todo o Reino de Portugal Toda a calidade de homem Viesse aqui trabalhar	107
De cachorros rodiados Os dormitórios estão De hum pedra bra[n]ca Não sei para que frades são	101	O que digo hé verdade Nem [h]á já quem ignore Pois basta o que se vê E a mais fama corre	108
Não poso esplicar mais Pois me não chega o emtendimento Nem sei que frades serão Pellos ai[n]da não ter dentro	102	Também digo nas pedreiras Andão muitos na verdade E lhe não sei seu número Nem de serto a quantidade	109
Nem falo nas mais pedras Emcarnadas que eles têm E muito grandes janellas Que em todos eles se vê[e]m	103	Hé hum Babilónia A ella se pode comparar O tresfego que aqui vay Que não poso esplicar	110
Destes refeitórios vai Huma porta grandioza Para a cozinha que está De feitio bem custoza	104	Eu mesmo confeso Estar suspenso e pasmado Porque não sei que juizo Aqui os há governado	111
Nesta máquina trabalho Mil pessoas à vontade E outras tantas se quizerem Saibam que falo verdade	105	Porque nem só ofeciais Nesta obra hão-de achar Mas também muito soldado Que aqui andão a trabalhar	112

Em huma alta serra Que se há-de arazar Para abrirem alicerçes E dormitórios se fundar	113	E a forma com que trabalhão Hé a do melitar de guera Como se fose na canpanha E fosem à fachina e terra	120
Hums andão a cavar terra Estes são de Infantaria Outtros acaretá-lla Que hé a Cavallaria	114	Pois todos os dias aquy Lhe toca o tambor a alvorada Ao gentar (sic) e à noite Quando vão de retirada	121
Também da Infantaria Muitos devertidos andão Em darem aviamento Aos ofeciais pois os mandão	115	Todos vão e vêm formados Com seus ofeciais diante Todos posttos em fileira Com seu tambor e tenente	122
Estes ofeciais são De alveneos e de carpinteiros Hums trabalhão nas paredes E outtros nos tilheiros	116	Hé ao mesmo comparado Como hé se fose na canpanha Saibam que fallo verdade Que hé isto grande fasanha	123
E Manda El Rey que gainhem Os soldados a dois tostões Ou conforme o seu trabalho E também as monisois	117	Pois se nella se bonbera Se fazem minas e ataques E susedem grandes mortes Aqui também há dezastres	124
E asim que nos soldados Já não quero eu falar Porque estes têm seos cabos E hé quem os hão-de governar	118	Porque todos os dias aqui Se dá fogo a várias pedreiras E as fazem rebentar Pellos ares em poeiras	125
E estes já bem pasão De seis ou sete mil Fora os mais que cada ora E instantes estão a vir	119	He como a gente hé munta Alguma ao rebentar apanha E asim sucedem morttes Como se fose na canpanha	126

Munto tinha que dizer Muito mais que relatar Mas não se pode fazer Sem a obra se acabar	127	Agora estão nelles Bois bestas de El Rei Serradores e soldados E seralheiros também	134
Prinsipalmente os palácios E os dormitórios também Os coais se vão fazendo E em bons termos se vêm	128	Também aqui se vê Estanque e muitas tendas Logo a supertendênsia Onde se desfazem contendias	135
Já vejo que me preguntão Onde se recolhe esta gente Recolhe-se nas baraquas E quanto o tempo hé quente	129	Também me preguntaram Onde trabalham os canteiros Que hé junto da igreja Em outros novos tilheiros	136
Os mais della donde pode Que de dia andão no trabalho Huma e outra se acomoda Emquanto não ouver orvalho	130	Já não poso dizer mais Que me falta o sentido Porque à vista do que vejo Trago o juizo perdido	137
Mas já estão acabados Muitos corteis e tilheiros Donde se ão-de recolher E trabalhar os canteiros	131	Agora quero dar noticia Da nova rial entrada Que ainda não tem prencipio Mas já se vê embandeirada	138
Ao norte da igreja Os tilheiros pre[n]cipiados Em huma sidade nova E muitos já acabados	132	Dizem que vem direita Como linha de cozer Da sidade de Lisboa A estas riais obras ter	139
Nestes tilheiros que digo Os canteiros trabalhavão Mas agora não estão lá Porque embora os mandarão	133	Pella velha dizem que são Sinco légoas de boa marca E pella que se há-de fazer Huma para sinco falta	140

Por todos os altos e baixos A mandou El Rey demarcar Querendo que fosse direita À cidade de Lisboa dar	141	Menos eu que não aprendi E em tal me quis meter Mas posso a todos perdão Se alguma culpa merecer	147
Mas vendo as altas serras Que se avião de arazar Mandou que outra se medise E esta assim ficar	142	Que o meu dezejo hé Estas obras aplaudir Pois que ellas o merecem E a todo o mundo servir	148
Com humas bandeiras brancas Que nellas estão alvoradas E a outra que se medio Hé de bandeiras emcarnadas	143	E adeus meu grande amigo Não te quero mais emfadar Que o mais deixo para a vista Se algum dia ella chegar	149
Munto mais disera eu Se ella estivera acabada Mas ainda não tem prencípio E só se vê embandeirada	144	E assim não digo mais Porque a obra não está acabada Aqui dou fim aos versos Porque a muza está cançada	150
E assim parese que tenho De alguma coiza contado Sendo isto pello alto Que no miúdo não tenho falado	145	Dos erros que aqui ponho Delles vos peso perdão Pois me não chega o emtendimento Ao que pede o corasão	151
Que dispois de tudo feito E aqui se ajuntasem Quanttos puetas no mundo há Temo que se não esplicasem	146	Porque a minha glória fora Por a tudo por igoal Mas acabo com dizer Deos me guarde de todo o mal	152

OBRAS DE MAFRA

PARTE II

Em o qual se dá Notícia das torres e de como forão os sinos para ellas e das fontes que se tem fei[to] e o mais que verá o coriozo leitor dedicada ao mes[mo] emgenheiro-mor
Costódio Vieira

MAFRA

ANNO MDCCXXX

DEDICATÓRIA

Ao engenheiro-mor Costódio Vieira mestre da obra

Já ouve em nosos tempor hum Vieira cuia fama ficou emternesida em muittos livros que hoje se estima como coiza que sahyo dos padres da Companhia pellas admiráveis siências que de suas letras lettras (sic) se descobre mas se ese foy scientífico nas letras devinas confesso que não ouve outtro segundo nellas: agora temos a vossemecê primeiro sem segundo como no presente esprementamos nesttas riais obras se aquelle foi insígne porgenittor em letras como se vê nos admiráveis livros que delle se achão composttos vossemecê o foy na Arquytetura tam emginhoza como na máquina das sellebradas torres temos vistto que sendo ellas tão altas que paresem querer compettir com a quarta esfera vossemecê lhes descobrio hum tão subtil emgenho que outtro se não tem vistto em tterras e Reinos que se tem visto: por onde forão tão grandes como vimos que se punhão em seus lugares que se virão subir para a torre do Norte em dezaseis de Julho e nas púrpuras que para a mesma forão em o primeiro de setembro como também no mesmo dia forão / [40] / para a do norte; e como não hé asertado que obra e emgenho de tal sutileza deixe de se publicar (sic) instâncias de amigos me obrigarão a faze-llo pois pedindo-me com rogos estremados a que lhe dese notícia destas riais obras o fis o anno pasado na primeira parte que elles estimarão com aplaudido demostrasois de agradesidos adonde lhe cauzou mottivo pera me pedirem agora novamente segunda parte e como eu o não posa fazer sem emtrar nella os pordigiozos emgenhos que pera as torres se fizerão peso a vossemecê licença pera o fazer de quem espero ma comseda bem me confeso ser indigno de que se me comseda por não ser subjeitto sufuciente pera tal empreza mas supirá as minhas falttas a capacidade do seu primor do qual espero despacho que pertendo pera que assim fique mais obrigado a vossemecê cuia pessoa guarde Deos muitos annos com aplaudidos aumentos.

Humilde escravo e menor venerador de vossemecê

PRÓLOGO

Ao pio e coriozo leitor que ler

O anno pasado de 1729 asertei por acazo de vir a estas Riais obras para ver o lavarintto que a fama ttinha devulgado por todo o mundo e asim que me quá achei vy que ouvira pouco à vistta do que exprementei dispois de quá estar alguns dias e ter vistto o que emtão manífico templo estava principiado e já satisfeito de cumprir meu dezejo me retirei à Cortte minha assistência adonde me festejarão os amigos com emfenittos extremos de amizade e ternura e dezejozos de saberem com aficasia o prinçipio e fundamentto da grande fama que pello ar boava das Riais obras de Mafra instarão com peditórios justtos a que lhe diseçe dellas alguma coiza o que fizerão por alguns dias emfim à vista das instâncias obedesy escrevendo-lho em huma primeira partte o que de meu lemitado emtendimentto e menos estudo se podia esperar: ficarão tão sattisfeittos que sendo-me neseçário vir / [42] / asesttir a ellas forão tantas as cartas que me têm escrevido desde o dia em que aqui cheguei emthé setembro que bem pasa o númaro dellas dos ponttos que aqui ponho em que me pedem com emcaresimenttos lhe mande dizer o que se tem feito desde o anno pasado e como as obrigaçois são muittas e vy como estimarão a primeira partte me rezolvvy com alguns reseios a escrever segunda partte porque as lettras pera me saber explicar não são nenhuma mas como elles se satisfazem com meu lemitado descurso peso aos mais perdão em cuijas mãos estas sifras se acharem não ignorem os erros que a obra leva porque não vay escrevida como meresem estas de que dou notícia.

Vale

CAPÍTULO I

Em que se dá conta das torres

Quero primeiramente dizer alguma coiza que se fizese na fro[n]taria dispois que escrevi a primeira parte e dar com mais miudeza noticia das celebradas torres e frontespicio; primeira estão feittas humas cazas adonde asiste o Marquês de Marialva que de assistência está nestas Riais obras; estas ficão em pouca distância da escada da igreja cuja escada tem ao prençipio hum sircolo redondo mas por ser pequeno se mandou fazer outro maior este hé de llages por fora e por dentro se à-de calsar por se verem vir muitas carosas de seichos (para ese ifeitto) da Iriseira; logo se vêm as torres que altura imitão a de babilónia para cujo feittio nesesário fazer-se outras de madeira esta se mandou dispois que os mastros não puderão dar pedraria teve seu asento de olivel da igreja para sima e com tal arteficio feittas e armadas as madeiras que não sey a que mais podia chegar a destreza de hum português cujo foi o emginheiro-mor Custódio Vieira que sendo de antes Mestre nos palácios das Vendas Novas que se fizerão para as pasajes das serenísimas perinsezas das Estúrias e dos Brazis veio aos dispois para estas Riais obras adonde aestio fazendo nellas coizas di[g]nas de admirasão e grande emgenho foi comtenuando a obra emthé que foi nesesário comtinuar-se com as torres e como os / [44] / mastros por grande altura que tivesem não podião dar avimentos (sic) tratou de fazer este emgenho com tal astúcia e segundo que se de antes fazia coizas dinas de serem nomiadas este hé tal que se não tem visto outro em Portugal nem ainda em Reinos estrangeiros; hé este emgenho feito a modo de rede para o qual vierão carpinteiros da Ribeira das Naos e está pella parte de fora das torres ficando-lhe ellas no meio e por este emgenho levão toda a pedraria que querem por grande seja com grandes e grosos cabos que puchão por dentro das mesmas torres emthé ao fundo dellas adonde tem grandes cadernais e moitois de bronze e daqui sai para fora por donde puchão muitos bois; estas torres já vão em grande altura que lhe não faltta senão as púrpuras e têm de altura 47 braças que dando a cada braça des palmos vem a ter 470 palmos em cuja distânsia tem 7 banquos ou lanços cada hum de diferente feittio e tudo de pedra branca; e o mesmo que há em huma torre há noutra que tudo tem em correspondência exsepto os mostradores dos relógios que são diferentes como logo direi e quero prinsipiar a dar noticia das ttorres: primeiramente o primeiro banco hé de cham emthé ao pavimento da escada e tem huma porta para o poente e outra para o nasente por donde se vai pera trás da igreja e para o sul vai huma porta para de baixo da igreja adonde estão emnumaráveis almazéns como na primeira parte deicho ditto: e mesmo debaicho da

torre (falo na do norte que a do sul tem tudo em corespondência) tem outra porta que fica ao lado do norte adonde estão algumas cazas, as coais têm sahida para hum palásio que está na emtrada da parte do norte como adiante direi; o segundo banco prinsipia no pavimento da escada e finda na simalha que está por sima dos arcos que estam na emtrada; esta simalha fica no ulivel de huma pedra que por sima do arco está como deixo ditto na primeira parte; este banco tem dois arcos hum cai para o poente e outro para o nasente; e tem também duas por huma sai para os palásios e outra para a porta principal da igreja que esta tem duas escadas de pedra em /^[45]/ caracol que vão para as torres como dise na primeira parte e como nella não dei contta da quantia dos degraos que tem cada escada o que faso agora as coais têm da huma 150 e tantos degraos devididos em diferentes lanços hums vão sobindo à mão esquerda e outros à direita; o treseiro banco de qualquer das torres principia no andar do coro e tem seu fim na simalha do mesmo cuja distância e altura tem duas colunas em cada lado ou frentes que estão para poente e nasente e emtre ellas huma porta com seu sobre-arco e nos lados que cai para norte e sul têm outras duas portas huma vai para o coro e a outra também para os palásios; logo segue outtro adonde estão os mostradores dos reloigos estes são de três pedras brancas e tão clara como cristal cad torre tem dois hum para (o norte outro para o sul) digo para o poente e nasente hum em comrespondência do outro com conta romana as letras de pedra preta mas com declarasão que cada dois são de seu feitio; de sorte que os mostradores da torre do sul são comus prensipiando em huma ora emthé às 12 mas os da torre do norte não apontão senão 6 oras que hé de huma thé 6; e qualquer destes mostradorres têm por sima huma pedra de bolta (sic) redonda muito bem lavrada com hum Sarafim no meio; emtre estas duas torres de fronte dos mostradores está o fronteespício da igreja que na primeira parte aponte e por não estar acabado não dei delle verdadeira notícia o qual se acha tão bem lavrado com diversas flores abertas em pedras que parese hum labarincto (sic) tão tesidas em tão boa ordem hum jardineiro as não plantará melhor; no meio dellas está hum ócolo redondo e no simo tem dois sarafims virado hum para o outro com suas azas aberttas na mesma pedra; e no simo deste fronteespício há-de ter huma Crus da aual já vy o molde que se lhe pos de pao mas logo se tirou; a há-de ter das bandas suas pirâmidas de pedra mas não se vê ainda por se hir agora com outras.

CAPÍTULO II

Em que se proseguem as torres

Sam tantas e tão extraordinárias as cruzidades que vão daqui para sima que não hé fácil joízo humano pode-llas expilcar e menos o meu o poderá fazer porque além de ser lemitado não teve estudo para o poder fazer; mas se não poso dizer tudo direi parte; hé de saber que deixando o banco adonde estão os mostradores os coais têm duas portas huma para o sul outra para o norte huma sai para sima da igreja a outra para humas barandas que an-de ter os palácios se segue outro banco o primeiro tem colunas liver (sic) da parede e tem duas por banda de grande altura e bom feitio nos Capitéis estas estão nos lados de hum arco ou ventana que tem por frente de volta redonda que são para os sinos e terão de largura 12 palmos e de alto 20 e nas colunas terão 30 de alto; tem este banco huma grande simalha custozamente feita com grave arquitetura sobre o qual tem prencípio outro banco este já vai recolhido fora do prumo dos de baixo e à roda da simalha adonde está asentado pode andar huma pessoa sem reseio algum; este tem também 4 ventanas porém não são como as debaicho porque estas sam de alquitravas por sima de bem custozo feitio. E cada frente tem 4 colunas duas emteiriças e duas de pedasos as emteirisas servem de ombreiras / [47] / às ventanas e junto aos cunhais estão as de pedasos de sorte que fica o cun[h]al entre as colunas este banco ainda tem maior simalha e mais custoza que o de baixo sobre a qual tem prencípio o outro banco que para explicar sua perfeição me hera neseçário grande alento e ainda com ella não seria fácil explicar a Arqitetura custo e feittio delle; primeiramente recolhe este para dentro do prumo do de baixo mais de 9 palmos e nos cantos da simalha tem em cada hum delles huma pirâmida com seu fogacho de pedra branca cada huma dellas hé de três pedras e fazem de altura 26 palmos; logo por dentro de qualquer destas está hum serafim de grande altura com seu relevado por baicho e terá cada hum de altura 16 palmos com seus cortois nas ilhargas que os fazem dignos de serem visttos de todos; no meio destes estão 4 óculos redondos ficando hum em cada frente em comrespondência hums dos outros e por sima delles estão outtros serifims mas não são como os outros porque estes são de huma pesa de volta que fes os mesmos óculos tudo com relevados e flores esculpidas nelles que sertamente me parese não averá outras de mais custo e melhor pedraria já não fallo na altura porque imitão as de babilónia que suposto lhe não vise o asento tenho visto a forma dellas; desta espasoz a simalha se avista muita parte do mundo virando-se para o sul se avista aquela bem nominada e antiga Villa de Sintra não só pela abundância de frutos de que hé mimoza mas também por nella ter

os seus palácios El Rey Dom Manuel que Deos haja em glória donde em seu tempo hia asestir alguma parte do anno por estar em hum ameno brosqe (sic) adonde as augoas se despenhão de huma alta serra para regarem os pumares e jardins que os mais iminentes jardineiros coltívão os coais são mais abundantes de flores de os campos de ifizalia donde os pasarinhos dão seus descantes /^[48]/ pendurados nos tesidos e ocupados freixos que estão comvidando os pasageiros com suas angélicas vozes; nem só destes mimos hé esta villa abundante mas também o hé dos filhos de São Hirónimo (sic) que na clauzura de hum convento estão emserados em o simo de huma serra de tão estremada altura que com os ares quer competir; estando vezinhos de outros filhos de Santo António que dominão debaicho da porteção capucha adonde a gente vai em romaria todos os domingos; digo todos os annos; e virando-se huma pessoa para a parte [poente] vê o espasozo ociano que se descobre por espaso de 10 légoas às vezes com suas emcrespadas ondas servindo de sepulturas a muita gente que navegando por ellas anda; outras vezes se vê andar tão sereno que está comvidando os pescadores para que com suas tesidas e emganozas redes vão os emnosentes pexinhos que descudados andão dando voltas na cristalina e salgada ágoa por donde navegando se vê continuamente diverças caravellas e mais embarcações que com misteres vêm para estas Riais obras do Porto de Viana e outras partes vindo dezenbarcar ao porto da Iriseira (sic) que desviado está daqui coiza de huma légoa adonde autoalmente esta quantidade de gente para descaregar as embarcações e cargas muitas carosas (sic) de El Rei que a 6 mullas as trazem metendo tanta confuzam ao povo que pellas estradas as vê caminhar de noite e de dia que me não hé fácil o poder explicar tal lavarintto.

E virando-se os olhos para a parte do norte não só se avista mar como também aquelle trançitto espantozo das berlengas adonde comperem as altaradas e soberbas ondas que em altas e pinhascozas penedias que vão dezenfriadas executarem suas pachões levando emtre sy muitas vezes destrosadas embarcações, são estas Berlengas o /^[49]/ alvo verdadeiro adonde os naufragantes marinheiros atirão suas esperanças quando dos brazis e mais partes desejozos de verem terra vem; está nellas setuada huma grande fortaleza adonde acortelados estão muitos sol[da]dos para vegias de toda aquella costa que perseguida de moiros hé e está distante de terra firme pello mar dentro três légoas; emfim avista-se desta espasozza simalha para toda a parte do nasente grandes terantórios (sic) nos valles fermozas ribeiras acompanhadas de altas árvores servindo-lhe de goardas altas serras com bastantes penedias por entre a[s] coais a estrada Rial destas obras para a populoza cidade de Lisboa.

CAPÍTULO III

Em o qual se dá conta do último banco e púrpuras e da maneira que se porpararão pera se porem nos lugares

São as coizas deste lanso tais que por agudo que seja hum livre emtendimento não dará com faselidade notícia verdadeira de tanto e tão custoza arquitetura a qual está com tal artefiçe feita que só vista com os olhos se poderá querer e não pode haver outra coiza de mais custo em Reyno estranho. Neste banco fecham as torres cuijo feicho hé de 4 pedras que todas fazem /^[50]/ huma bem posta púrpura; estas pedras forão tiradas da pedreira de Pero Pinheiro as coais são do feitio de huma ave e nas azas fazia hum sícolo que dispois de asentadas lhe ficou hum ócolo para qualquer parte ou das frentes; estas para se trazerem da pedreira foi com muita força de bois e compasante de 300 homes chegadas que forão a estas Riais obras se meterão nellas ofeciais comvinientes para que se acabassem com presteza para o que se tarbalhou nellas de noite e de dia sem se descansar e acabaram-se de fazer em o primeiro de setembro de madrugada logo no mesmo dia se aprestarão aparelhos sufisientes para as levarem a seus lugares sendo o que pos primeiro execução a esa deligência o aparelhador da tore que na emtrada fica para a parte do norte porque erão duas oras e meia dispois do meio dia quando se viu hir aquela mustrozidade de pedra que sendo huma só levava 4 aparelhos muito fortes e por cada hum delles tiravão 20 juntas de bois. Logo pouco distante fes a mesma deligência o aparelhador da torre que para a parte do sul fica e assim neste dia ficarão as pedras da púrpura da parte do poente em ambas as torres em seu lugar.

Bem creio que seria muito pouco o que dromirão qualquer destes aparelhadores pois andavão com tal ancia a qual delles avia de acabar a sua primeiro para lograr a preminência das alvisaras e vitória que não poso explicar. Comesarão os pasarinhos a pedir alvisaras ao dia de que era chegada a aurora mas melhor fora que elles as fosse pedir a qualquer dos aparelhadores que sertamente as darião mas como são aves sem sentido não o podião fazer esclareçeo a manhã e antes que o sol comonicase de todo sua lus se via estar a terseira pedra da púrpura /^[51]/ das que avião de ficar para a fre[n]tte do poente ao pé da ttorre do sul tendo anoitesido no tilheiro se fes com as mais da torre do norte; mas emthé aui quis usar este aparelhador de emdustria pois levou a pedra de noite para o pé da torre para em amanhecendo dar ordem a que fosse logo para sima como satisfeito foi; assim que foi o aparelhador da torre do norte vio que o outro se hia pedio logo gente bastante e com muita presteza fes com que se puzerão prontas todas as pedras que para a sua torre herão nesesárias; era para ademirar o trátego lavarinto e lida que ouve nesta obra e este dia porque hera tal que nem os mestres sabião o que mandavão nem a gente sabia o que fazia era tanta a moltidão de

gente que estava a ver que empesava huma na outrar (sic); entre esta comfuzão asertou de cahir hum instrmento do ofício de canteiro a que chamão maseta do alto da torre do sul e por tal parte a guiou Deos, que nada se demove se a sua santa vontade, que deu na cabeça de hum soldado que coazy morto foi para o espício adonde se curão como deixo dito na primeira parte e lá durou poucos dias porque o levou Deos para sy; não cauzou muita ademiração este suceço nos aparelhadores que andavão ocupados a quem neste dia avia de dar fim primeiro à sua torre que com muito cuidado e deligência andavão pondo prontas todas as pedras em seu lugar só lhe faltavão os remattes que erão humas bollas de pedra de estremada grandeza; e como o aparelhador da torre sul tivese na pedra que de noite levou para o pé della mandou que logo pronta fose o remate o que logo se fes levando sua bandeira emcarnada emthé ao asento e dispois de elle estar asentado com muitos foguettes do ar para bems e vitros (sic) o festejarão; vendo o aparelhador da torre do norte isto nestes termos e vendo também elle se fazia acabar primeiro com muita vigilencia /[\[52\]](#)/ vio que o outro tinha ainda duas pedras para levar para sima as coais herão duas pirâmidas que entre outras como logo derei levava este banco deu logo ordem a que as pedras que lhe faltavão fosem todas ao mesmo tempo para seu lugar o que se fes pois não era senão três remates da púrpura e duas pirâmides e postas em termos isaram-se para seu lugar hindo em sima do remate hum home com huma tronbeta tocando e outro com hum tambor coiza digna de ademiração por se aventurarem dois homes a hirem em sima de huma pedra em tanta altura como são corenta e sete braças que cada huma das torres tem como no prencípio deixo dito; assim que chegarão a seus lugares a[s] pedras [a]o som da caixa e trombeta se asentarão; este hé o remate e banco coiza vistoza tendo em cada canto da simalha huma pirâmida ou para melhor dizer hum fogacho pois hé a pirâmida de feittio de hum vazo redondo do qual sai huma pedra branca; asentadas que forão as últimas pedras se veio o tambor e trombeta para baicho trazendo attrás de sy todos os ofeciais que na torre andavão e veio a pedir o prémio ao Senhor Marquês de Marialva que acompanhado de toda a nobreza melittar estava asentado na escada da igreja ao pé da torre do sul para verem hir as pedras que lhe faltavão.

Emtre esta comfuzão andava o povo ademirado da muita lida que aqui avia dando mil pareseres qual dos aparelhadores logrou a preminência de acabar primeiro hums dizião que fora o aparelhador do norte outros dezião que a torre do sul por ser o primeiro que a rematou a púrpura mas segundo meu parecer e pouco emtendimento digo que qualquer delles por sy meresem grandes prémios se se tivesem prometido por não haver diferenca de hum ao outro que acabarão; e asim lhe derão /[\[53\]](#)/ o fim de pedraria no dia supra e não sem grande fundamento porque se esta obra hé de hum tão grande monarca no dia de outro derão fim à pedraria das torres pois foi em dia de Santo Estêvão Rei de Ungria; agora darei conta do último remate que dizem será de bronze.

CAPÍTULO III

Dos remates das torres

Sem embargo de dizer atrás que os remates das du[as] torres avião de ser de bronze não se conseguiu o fazerem-se a tempo pera estarem acabadas pera o dia que estava detreminado a sagrar a igreja porem o que se lhe pos não desmente a fábrica dellas o que vai hé de madeira gesado por fora feito a modo de pirâmida despedindo agudo também dizem que não hé este o remate que há-de ficar porém o emgenho da torres já se desfes e será presizo fazer-se outtro para se por outtro rematte quanto mais que este remate não está mal nas ttorres /[\[54\]](#)/ e parese ttanto ao natural que sendo se pao parese de pedra; não me alargo mais neste capítulo porque quero dar contta dos sinos.

CAPÍTULO V

De como vierão os sinos e se puzerão nas torres

Andava a gente que adestia nesttas Reais obras suspença a muer a presteza com que andavão as torres e dizer o vulgo que se avia de sellebrar a festa em dia de Sam Pedro de Alcântra e sendo já no cabo de setembro sem apresentarem os sinos sem os coais se não podia sagrar a igreja; mas Sua Magestade que Deus guarde que era o que tinha mais no sentido a obra que outrém ninguém não se descudava dos apresttos para ella e sendo já pasados vinte de setembro amanhaseo o dia vinte de hum dia do Apóstolo Sam Matheus quando se vio todo o povo avorasado que vinham os sinos e com ifeyto asim /^[55]/ foy porque serião coattro oras da tarde quando comesarão a chegar e sertamente que era mais do que se dezia delles erão em número os que chegaram este dia des a qualquer dellas parecia huma torre que vinha sobre os carros que só pera os trazer se fizerão de coattro rodas cada hum e o mais pequeno delles trazia dezanove juntas de bois fora os homes que vinhão as espias segurando que não tombassem; tinhão os sinos desembarcado em hum lugar desviado destas obras pera a partte do nasente coiza de ttrês dégoas adonde chamão Santo Antão do Tojal por estar vezinho de hum braço de mar que do Tejo vem pela boca de Sacavém denttro mas por não poderem chegar a este sítio barcos senão com mareis grandes se esperou para esta ocazião adonde foy o Ilustrísimo e Reverendícimo Senhor Patriarca a benzê-llos e baptizá-llos estando presentes Sua Magestade que Deos guarde e o Senhor Infante Dom Francisco e Dom António de cuija assistência não poso dar notícia por me não achar lá; e tornando às obras hé de saber que asim que chegarão os sinos ajunto-se tanto número de gente à roda delles que me não foy possível chegar a nenhum delles por mais deligência que fizese para iso e logo puzerão soldados de sentinela e elles emquantto se punhão pronttas as porcas para elles mas não são como as que se costumão que estas são dereitas sem terem crus para sima e com tal presteza se puzerão prontos que em dia de Sam Miguel se acharam todos em seus lugares indo para a torre do /^[56]/ sul coattro e para o do norte seis e entre elles foi o maior delles que dizem tem mil e duzentas e dezoito arobas e não lhe ponho dúvida pella grandeza delles pois tem na boca onze palmos e meio de largo; não são estes sinos os que se hão-de achar nas torres sós porque em dezoito de outubro chegaram vinte e dois e no dia seguinte dois e emtre elles hum maior que nenhum dos que quá estão fora muitos miúdos ou pequenos para serventia do convento; e como se vinhão chegando os dias da festa mandou Sua Magestade que se puzese tudo prompto para vinte do corrente para o que se trabalhava de noite e de dia com muita força e mais com toda hesa deligência se não poso tudo corrente como querião principalmente os sinos que se

puzerão em espias pendurados para se poderem tanger e não lhe sey o número pellos não poder contar o que deixo pera a treseira parte quantto mais que dizem que estão em Lisboa mais pera virem e muitos vierão de deferentes Reinos asim dos que vierão como dos que estão para vir isto hé o que posso dizer das torres e os emgenhos que se tinhão feitto para levar as pedras como atrás deicho dito também se acha desmanchado que se trabalhou nelle com toda a força e nunca se acabou de desmanchar para o dia da função por se andar com muita vegilancia por ser altura descomforme mas comtudo ficou em bons termos para se poder servir das torres e sinos.

CAPÍTULO VI

Em que se dá conta das fontes que se tem feito

Não era asertado deichar nesta segunda parte de dar notícia das muitas fontes que se tem feito que avendo o anno pasado tantas faltas de água que apenas chegava pera a gente beber e pera gastos de amasadoiros de cal e pera os gados tendo muito menos gente do que este anno agora há em abundância porque se tem feito emnomaráveis fontes e muito pertto da obra a primeira de todas as mais estão pera a parte do norte das obras e ttoda hé bizara água a primeira fonte está adonde chamão o pinheiro e esta se ajunta água de três parttes a qual tem hum tanque adonde bebem os gados asim bois como a cavalaria que tem o seu abaraquamentto como na campanha pertto daquy; tem outtro tanque cobertto de abóboda e fichado com duas chaves de bronze muito fortes por onde se tira água pera beber em pipas. Logo não mui distante deste está outtro tanque com sua fonte que está no meio /[\[58\]](#)/ da estrada que vem da Ericeira e por estar nesta nesta (sic) parage lhe derão o nome da fonte da estrada próximo a esta caminhando pera o norte coiza de sessenta pasos se anda fazendo outra cujo nome se não sabe porém também fica perto da estrada e com esta partte hum tanque que se vay acabando este está no prençipio de um vale e comtinuando por elle asima caminhando mesmo pera o nasente se topa com outros com outro que a sua grandeza não poso explicar o bom feitio e por não ter lugar e aver pouco tempo o não tenho medido e com certeza não direi os palmos que tem mas bem mostra ser de comprido mais de duzentos e de largo sento e tantos e de alto bem terá sincoenta. [No] dia de Nosa Senhora a outto de Agosto por se não trabalhar meio dia fui lá com alguns amigos (pois hé grande retiro) e lhe medirão à minha vista vinte e tantos palmos de água e este está descuberto ao tempo de llá se tira água pera gasttos por duas chaves que tem (como o primeiro em que faley) de bronze está todo radiado de asenttos pera a gente descansar que o faz mais vistozo que nenhum com este partte outtro mais pequeno de donde se tira água pera beber e entre elles está outtro donde bebem os gados; aqui chamão o tanque das lavadeiras e nelle se ajunta água de mais de coattro ou sinco parttes; comtinuando pello valle asima mesmo pera o nascente coiza de sem pasos /[\[59\]](#)/ se acha outtro ou outros adonde corre huma bica m[u]ito abastecida de água sendo a may donde ella sai hum grande tanque coberto de abóboda cay esta bica sobre huma grande pia de pedra e desta vay para hum tanque não menos temerozo que os mais adonde bebem os gados e deste a água que sobeja vai por hum cano de repucho pera outro tanque; aqui chamão a fonte que serve e está ao pé de hum pinheiral ainda que pequeno adonde se ajuntão os dias santtos que se

não trabalha muita gente a divertirem seus cuidadados (sic) pois hé aqui hum prezídio como o adonde desterrão o poetta Ovídio; comtunhando por este mesmo valle coiza de trezentos pasos se acha hum cano por donde vem ágoa para denttro das obras este se anda fazendo e nesta parage tem nove arcos pera gainhar o valle mas não são muito grandes porque aqui se tem achado muittas ágoas que juntas todas em huma grande May de ágoa que se vay prensipiando denttro na serca daqui se à-de repartir pera as parttes presizas do convento esta ágoa tem seu nasimento principal adonde chamão a Murgeira desviado da obra pouco mais de hum coartto de légoa e de lá vem emcanada resebendo alguma que sai de outtras parttes adonde anda quantidade de gente a fazer canos pera ella; do mais que se fizer darei notícia na treseira partte se aestir ainda aqui nestas Riais obras; fim.

Verços da segunda parte

PARTE II

Abreviada Relação
De humas obras Riais
Porque entre a mais
Assim o nome lhe dão

Nestta ocazião tomara
Em que trebutário me vejo
Pera cumprir meu dezejo
A que mais alto voara

De Venos a eloquência
De Salamão o saber
Pera poder descrever
Destas obras a iminência

Também chamo por Eollo
Se me quizer acodir
E se elle não quizer vir
Acuda-me aqui Apollo

Neste dia que descanso
Meus piques sinto na vea
E quero em ttosco remançe
Sangrar-me como poetta

Às muzas peço favor
Que supposto o não mereça
Por ser a primeira ves
Que em verssos aparo a pena

Porque hé grande a confiança
Querer emtão alta ydea
Sem beber na dosse fonte
Atrever-me a descreve-lla

Pouco emporta que me culpem
Que pera grandes emprezas
Se hé comfiansa intentá-llas
Também hé glória em perde-llas

E asim saiba o mundo todo
Em sua ambitante esphera
Que em Portugal se à-de fica[r]
A maravilha primeira

Pera que asim esquesido
Das mais que tanto celebra
Só nesta ovolante fama
Fará sua glória eterna

Perca as memórias do Egito
E as de Artemeza perca
Dos collosos se não lenbre
Das pirâmidas se esqueça

E das mais que narar posso
Porque em Mafra o h[á] quem pudera
Aqui com discreto estillo
Descrever tão alta empreza

Funda o Nosso Monarcha
Com tão liberal grandeza
Hum tenplo em que parece
Estar o mesmo çéo na tterra

E não me engano pois creio
Que a Magestade suprema
Há-de aestir neste Alcazar
Athé que o mundo pareça

Neste divino palácio
Adonde o subtil se esmera
Adonde se gastta a Artte
E donde o custo se empenha

Se vae a enveja do marmol
Dos porfiados a enveja
Os alabasttos se julgão
Toscos sendo finas pedras

Esta mina que ocultta
Com tanto mesttério a terra
Quis o céo que descubrice
Quem soubese ofereser-lha

E asim o Noso Monarcha
Com tanto gosto se empenha
Que da thezoiros a mina
Pera mais emgrandese-lla

Aquella pedra que o toscos
Pouco vallor lhe grangea
Porque a natureza escassa
A criou somente pedra

Fas que a grandeza rial
Com custoza devirtência
Que nos primores da arte
Perca o ser de pedreira

Pois no lozido e no vário
Mosttra a mesma expiriência
Que sendo o Brasil de ouro
Tenha mais valor a pedra

Este Manífico templo
Se compo[e]m de onze capellas
Altares donde o cordeiro
Se sacrifiça em ofrenda

E porque o tempo não possa
Destruir sua matéria
De huma pedra cada hum
Os lavrou a natureza

Em seis órgãos se admira
Sua emlevada grandeza
Donde emtão diversas vozes
A consonância hé a mesma

O silêncio fale agora
Porque falar não quizera
D'admirasão somente
Hé língoa mais verdadeira

Pois em todo o pavimento
Das capellas coro e igreja
Jardim parece com flores
Çéo parece com estrellas

Hé tal a variedade
Que sem confusão semea
Pera deleite de vistta
Túllipas Rozas Mosquettas

Tam miudamente unidas
Tão discretamente feitas
Que a vontade se confunde
Nos dezejos de colhê-llas

Deste vistozo vergel
Em que a lemitada pena
Pera descrever hé tosca
Pera pinsel hé groseira

Hé justo que me retire
Segundo a mesma matéria
E de tanta mangestade
Só ademiração escreve

Em duas gigantes torres
Se empenha mais a grandeza
Pera poder de mais pertto
Fazer a[o] Çéo esta oferta

Mas de tal sorte lavrado
Com tão gentis miudezas
Que do vivo ao entalhado
Vay mui pouca deferença

Pois nas feguras adonde
A máquina sustenta
Vivas feicois as animão
Que iquivocão a natureza

Tão alltivas se remontão
Que a admiracão se eleva
E quanto mais se admira
Mais deixa a vista suspença

De sentinellas ao tenplo
Se vem de huma tal maneira
Que sendo atalaias mudas
Publicam sua grandeza

Porque as lingoas de metal
Por donde explicar se deichão
Em muita distancia pode
Dar as notícias mais sertas

Em huma e outra mostrando
As horas que o dia emserra
À italiana em huma
E en outra à portuguesa

Cujos ecos retumbando
Pode contra a Eiriceira
Seus quarttos e suas horas
Porque a mais distância chega

Pera esta elevada altura
Se vio comfuz a siência
Sem atinar de que modo
As pedras puzese nella

Dezenpenho os dezejos
Desta Magestoza idea
O emgenho português
Do selebrado Vieira

Cuja glória de nação
Na obra tanto se esmera
Que huma máquina levanta
Pera levantar as pedras

Tão facilmente as comdus
Que o seu empulço pudera
Chegar donde fora fácil
Convencer com as estrellas

Deste apalzo (sic) univerçal
Hum não sey quê da hinveja
Quis escoriser a glória
Que não pode inda que queira

Porque se faz tão amável
Dos humildes a nobreza
Que em sua deferensa unida
Terião a sua deferença

A dois palácios se arimão
Em que as masgestades reges
Se ão-de acortelar devotas
Sacrificando as grandezas

Segue-se logo a clauzura
Que fecha trezentas sellas
Pera nellas abittarem
Os que profesoão pobreza

Bem que ella guarde tanta
Outra coiza e mundo ententa
Hé emgano que humildade
No ânimo se sustenta

Que as fundasois Magestozas
Não sam as que dão riqueza
Nem prevertem os estatutos
Que deu Francisco na Regra

Mas asim aumentão o culto
Em que a grandeza se empenha
Que não porturbo a homildade
Ostentasois da grandeza

Em jardins fontes e colunas
Tem riscado a rial idea
Devertimento em que possa
Lograr a vertude férias

/[65]/

Nos cantos dos dois palácios
 Se há-de ver por maior alteza
 Duas ttorres que pubilquem (sic)
 A grandeza que athé qui chega

Muito melhor que as colunas
 Herculanas; que a soberba
 Por marcos da i[g]norância
 Pos a fantezia necia

E pera que bem se saiba
 E o mundo todo emtenda
 Ser em tudo grande a obra
 Como bem se manifesta

Por dever quam facilmente
 Composta resistência
 Mudando o firme dos montes
 Ficão os montes sem firmeza

Porque os valentes soldados
 Se empenhão de tal maneira
 Que querem à força de braço
 Ver as emtranhas à terra

Mas que hão-de fazer-se hum Marte
 A quem o mundo respeitta
 Fidalgo na qualidade
 Na canpanha o deos da guera

Cujas Armas governando
 Descansa a pessoa Regia
 Não consentindo delitos
 Favoresendo ignorâncias

General que ao mesmo tempo
 Soldado se manifesta
 Porque a seu exenplo todos
 Trabalhem sem violência

Prezença tão soberana
 Faz que o trabalho pareça
 Escada por onde suba
 Cada hum adonde dezeja

E eu também sou empenhado
 E bem se vê na pobreza
 De meus verços pois lhe falta
 O ajustado da Regra

Desttes Eros aprendam
 Hé justto se comseda
 E do largo Relattório
 Matraca só pera freiras

/[67]/ (17)

Serta pessoa convidou hum seu amigo para hir até Mafra elle lhe mandou esta resposta.

Novamente vossemecê me comvida para esta galhofa de Mafra eu tenho por galhofa o rogar-me vossemecê para semelhante funsam, porque cabendo nas clauzulas da rezam, o apetite de ver novidades, nam se compadese com a profiçam de cathólico poder achar gosto no que tem sido assumpto de tantas perdas, nem ter olhos para ver, o que tem sido disgrasa de todo este reino, nem que eu haja de hir aonde se vê a tantos chorar; se vossemecê está de ânimo, de ver mizérias, lástimas, estragos pode fazer sua jornada que eu segundo a lei que professo me não poso capacitar, que seja lícito ver nem aplaudir obras de Mafra, e porque a vossemecê lhe nam paresa absoluta esta minha propoziçam recorra vossemecê aos meos que se tomaram para idificar este edificio, e os achará totalmente contrários à dispoziçam da lei natural e Devina de cuja consideraçam resulta ligítima a minha comsequência.

Em primeyro lugar foy errado o meyo de constranger os homens para trabalhar nesta obra por ser involuntária e nam util, nem necesária ao Reino porque o principe ainda que soberano, nam tem dominio na liberdade de seus vassallos pera os / [68] / constranger involuntários nas couzas, quaritativamente pertensem ao gesto do mesmo Princepe, e quando obra absoluto fica transgressor da lei natural como qualquer particular testemunhas, de tantas violências somos nós que com os nossos olhos vemos, a tantos homens arastados pellas estradas, e pellas ruas, com cadeas e cordas comdozidos de Regiois, como dilinquentes justisados, mas também o sam as mesmas pedras a quem feriam os gemidos, e lamentos em que dezafogavam aquelles coraçõs afflictos; ou da escravidam desmerecida; ou porque a tirania dos condutores experimentavam inhumanidades, e quebrantados os foros da natureza.

¹⁷ O texto presentemente transcrito é uma carta detratora da obra de Mafra que correu em várias cópias e das quais se conhecem, hoje, diversos exemplares, como o que se encontra conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Manuscritos da Livraria, n.º 2056 (26), f.148-150) e Biblioteca Pública e Arquivo de Évora (Cod.CV/1-9). Embora presentemente esta cópia esteja inclusa neste manuscrito, nada tem a ver com as descrições do imóvel que a antecedem, inclusivamente por datarem de anos diversos, as descrições de 1730 (às vésperas da sagração da Basílica) e a carta em apreço, datada de Évora, 14 de Outubro de 1734. Pelo local de registo e pelos termos em que a carta é escrita, é muito provável que o mesmo registo possa ter sido realizado por alguém ligado ou fortemente influenciado pela Companhia de Jesus, que dominava, à época, as instituições religiosas e culturais dessa cidade. Na página anterior (pp.66) lê-se ainda: “Senhor / Dis este coração o mais fino no querer que todo sem remédio lhii dar remedium (?) / N.V.D. (?)”.

Foy também erado o meyo de fabricar tam sumptuozo edefício à custa das fazendas alheias, porque o Príncipe nam hé Senhor das fazendas de seus vasallos, para as converter e distribuir ao seu arbitrio, e hé absolutamente contra a lei Devina tomar o alheio contra vontade de seu dono, e somente só pode colonestar na circunstância de extrema necessidade, para dezobrigar de restituiois, o que neste cazo se nam considera na clase de fazenda alheia não só o que se toma contra vontade de seu dono se comprehende, mas também perdas e danos em que tem ardidado este Reino com as obras de Mafra, e passo a discorrer particularmente por ellas, que nenhuma pesoa dellas pode dizer, que se acha exemido de tantas vexasois /^[69]/ como dellas resultam, e como pellos ifeitos se vem no conhecimento das couzas, recorra vossemecê às lágrimas, que se tem chorado, e se vam chorando para dellas infirir as perdas e danos, pois sam as ⁽¹⁸⁾ linguas com que se explicam os oprimidos vassallos.

Choram os homens a perda de seus bems (sic) convertidos contra sua vontade própria em excivas vaidades; choram a perda da saúde em hum continuo giro de trabalhos, expostos ao rigos dos frios sem cama em hum dezerto, ao intenso das calmas sem sombra, nem abrigo, e a mizéria da fome sem pagamento; choram a perda das vidas sem assistência temporal, e a das almas na falta dos sacramentos, no artigo da morte com evidente perigo da salvasam; choram as mulheres a falta de seus maridos por lhe secar o socorro dos jornais com que as amparam; choram os filhos porque nam tem Pay que lhes administrem um bocado de pam; choram os eclicziásticos a imunidade das igrejas, porque se lhe falta ao divino respeito; choram as comunidades dos religiosos porque fora de horas se lhes rompem suas clauzuras, e nellas entram os beleginis, lacaios, que com El-Rey na bariga os nam exseptuam pella dignidade das vulgares insolências, que costumam cometer; choram os grandes da Corte o seu abatimento, porque se lhe não guardam aquelles foros, que grangearam à custa das proezas, que seus antepassados obraram, expondo /^[70]/ as vidas, e as fazendas, em todas as quatro partes do mundo, estabalecerem o domínio aos reis desta monarchia, e que por lhes ustentarem na cabeça della lograram, achando-se redozidos ao foro de Albeus (sic), e sem aquella distinsam, com que sempre foram comdecorados ainda pellas mesmas leis, chora a Corte o seu universal estrago, porque se arruínam os seus idifícios sem remédio por falta de artifices, e matriais para acudir aos seus repares. Na mesma Corte choram os sagrados templos, porque se acham as Santas himagens sem veneraçam, e sem limpeza pello mesmo efeito; choram as povoassois do Reyno, não somente o seu estrago mas também a privaçam de seus contratos de que uzavam para viver, e se alimentar; choram as aldeyas e os campos a falta de suas culturas de todos os géneros porque nam há agricultores, que as fabriquem, choram até os montes, porque lhe falta a suciadade (sic) de seus gados, e pastores; choram os próprios

¹⁸ Neste ponto encontra-se redigida e rasurada a expressão “lágrimas”.

animais entregando as vidas ao excessivo trabalho sem alimento; choram as pedras, e os troncos o seu destosso, e tudo o que há no mundo chora porque tudo hé escravidam sem esperansa de resgate pois se fazem irreparáveis as perdas e danos que experimentaram, e vão experimentando.

No excesso da sua dor diria David Ihe serviam as lágrimas de pam de dia e com difirente motivo estamos vendo, que /[\[71\]](#)/ servem de pam de dia e de noute as lágrimas aos moradores de Portugal; no céu ainda se ouvem e ouviram eternamente os brados do sang[u]e de Abel injustamente derramado às mãos da tirania de seu hirmam Cahim, e porque se nam ouviram no céu os brados de sang[u]e de tantos Abeis derramado a infância da maior tirania e nunca vista crueldade, se nam estes os meos, diga-me vossemecê meu amigo falando como cathólico, e humano, como pode ser do agrado de Deos o seu fim, por mais que se me diga, que esta obra se emcaminha ao serviso de Deos, e para seu louvor por forsa de fé estou obrigado a crer que nam pode ser do agrado de Deos, porque as de que Deos se agrada sam as de Misericórdia, e de justissa exercitada com virtude, e obras contra virtude da justissa sam obras do demónio, e nam sam obras de Deos; furtar para dar esmolam hé propoziçam condenada, fazer templos dedicados a Deos com prejuízo de terseiro à custa do sang[u]e dos Pobres não se ajusta com a rezam nem com a lei que porfessamos e esta obra nam pode ser do agrado de Deos que quer o muito que vejamos em Mafra, que importa, que em Mafra se vejam colunas de incomparável grandeza e mármores delicadamente lavrados se a consideraçam cathólica, e prudência me cansei de a discorrer, que todo este Reino tem sido o correio de cujas veyas, emanou sang[u]e para salvarem suas durezas; que importa hinexplicável perfeisam /[\[72\]](#)/ deste edificio, se a rezam me convida a discorer, que os seus matreais foram amasados com o sang[u]e e suor dos Pobres; que monta a magnificência do Templo, se nelle nam há pedra em cuja fonte nam estejam gravados em letras de sang[u]e as efigies da violência de mayor tirania.

Meu amigo ou somos cathólicos, ou Bárbaros, ou Gentios, se somos cathólicos, nam devemos dar com a nossa corizidade aprovação ao que só sam actos de soberba, e deshumanidades, de que chove a compoziçam dos sinos para a falta dos minuetes, se a letra que eles emtoam sam os gemidos, e lamentos, com que dezafoga o coraçam de hum Reyno tam afflicto, e oprimido; no templo de Deos o melhor falta para emtoarem seus louvores hé aquella, que se compõem pelo tempo perfeito, que hé o da grasa, que tem propriedades as boas conveniências por pauzas os bons corasois, por figuras as virtudes, por pauzas a observância dos perseitos, por pontos os da perfeiçam, nos costumes e por mestre da capella o amor de Deos; nas mesquitas dos Hereges, hé que só podem fazer huma consonância os minuetes, pelo que tem de incitativos, para os

vícios, e temos trocado o templo, pella mesquita pois vemos que para Mafra, que havia de ser templo de Deos, se compuseram os minuetes das Mesquitas de Inglaterra.

Finalmente meu amigo para se ver a Mafra, nam hé necesário hir a /[\[73\]](#)/ Mafra, porque está por nosos pecados, em toda a parte do Reyno, pouis nam haverá nelle, pessoa que nam tenha tomado a Mafra entre dentes e a traga atravessada no coração, e a rezam de disconveniência só bastaria para comprover o seu mau comseito, porém como o mistério para o nosso geral, e comum intento, e desagrado tem mais alta comprehençam, porque se me nam emparo no mesmo nome de Mafra temos descuberto o inigma; vamos-lhe tirando a máscara. Repare vossemecê meu amigo que se compõem Mafra de cinco letras que todo compõem, e discifram a nossa perdiçam; denota o M. que seremos mortos; o A. arastados; o F. fundidos; o R. roubados; e o último A. Asolados; e se asolados; Roubados; Fundidos; Arastados; e Mortos; sam os termos em que nos achamos reduzidos; para prática da experiência de justiça estamos obrigados a dizer mal de Mafra, e aborese-lla, e detestá-lla, pois desde do dilúvio universal esteve reservada no calcanhar do mundo para ser universal delúvio deste Reino: Em outro tempo foram misteriosos os cinco; para o nosso bem e nesse tempo sam as cinco misteriosas para o nosso mal: cinco foram as chagas, que a piedade de nosso Redentor nos mandou fabricar nas Armas de baixo cujas bandeiras se sig[u]iram aos Portug[u]ezes victoriosos triunfos, e sempre de baixo da protecsam das cinco chagas se vê a nosa nasam o seu emparo, trocaren-se os tempos, e a Portugal as /[\[74\]](#)/ torturas, na fé viva del Rey Dom Afonso Henrriques se estabeleceo a nosa dita, e emquanto a Fé das cinco chagas se contentou nos sucesos da croa deste Reino nam nos faltaram felicidades, que Deos nos prometeo faltou a Fé das cinco chagas logo discahimos das fortunas, e das filicidades, que Deos nos prometeo: Cinco foram as chagas que mereceo a pobreza do Seráfico Sam Francisco, e agora vemos, e agora vemos que seus filhos renunciam à mesma pobreza, e se aproveitam dos abundantes regallos da menza; Cinco foram as Pedras que escolheo David para dirubar o gigante, e agora vemos que outro Rey das pedras de Mafra escolheu as mais limpas para destruir a hum Reyno, que foy o gigante da fé das proezas e das honrras de todo o mundo: Cinco foram os metais de que se compôs a estátua do Nabuco, e porque a sua soberba desfiou a providência de Deos do dezerto fes descer a pedra, que o comsomio e aruinou; e agora vemos venosa huma estátua animada composta de cinco dotes, a desbarata huma Pedra toda de escangalho, de cinco sentidos ornou a Divina sabedoria aos homens e vemos hoje, que a malícia e crueldade de cinco letras de Mafra fabricou cinco lansas para tirar os sentidos às nasois de Portugal.

Nam poso alcansar meu amigo de que proceda o odio que El Rey tem aos seus vassallos /[\[75\]](#)/ nem, que estes degeneraçam para serem deserdados daquelle agazalho que mereceram os Reys seus prodecesores porque no sufrimento da constância, e na

lealdade dos affectos, nam há nem ouve, nunca no mundo mais leais vassallos, o certo hé que este seu abatimento hé para os fazer a protestar da lei primeira, o que já princípios, esta asustada, quebra com a fé apostólica, e seram os fins a elles quitas de Mafra, aonde por pecados nossos veremos as seremónias da lei escripta emcontradas, o que Deos nam permita, e nos tenha de sua mam dando-nos a sua grassa para que nam dezesperemos da salvaçam e A. F. da lus para se retirar de ver A Mafra, a quantos eu nam chamei templo de Deos, mas sim spelunca latronum e por nam aprovar o que nam pode ser do agrado de Deos nam quero hir a Mafra.

Finis Laus Deo

Évora oje 14 de Outubro do anno de 1734

Versos que se puzeram no quarto del Rey.

As igrejas sem Pastores
Sem obediência ao Rey
Sem obediência à ley
Sem castigo aduladores:
Sem respeito à fidalguia
Sem rezam muita profia
O Comércio destruido
E emfim tudo perdido
Que mais faz a tirania.

Finis Laus Deo versus que Mafra (?)

Outava

Aquilla mas sublimada y altiba,
Virgen y pura mas que las estrellas,
Estrella roluzir super la riba
Mar onde nunca ovo querellas:
Astro mas que aurora compasiba
Reyna de los prados e sentellas
Juya mas que todas mas hermoza
Astro, mas, estrella, aquila Roza.

Finis

Descrição de Mafra
por Thomás Pinto Brandam
Romance

Quem quizer da minha Muza
Ver o pobre cabedal,
Aqui lho discubro em coplas,
Que acaba todas em al.

As mais dellas vam tecidas
Naquelle humilde trocal
Que ordi sempre, em português
E só huma ao suenal.

Tudo huma pura clareza,
E huma verdade leal;
Tudo hum conselho, maduro,
Que parece verdeal.

Trinta annos me degradou
A fome que hé criminal;
E a Mafra também corri
Ser sair de Portugal.

A Mafra fuy e o que vi
Só cabia nem en tal;
Parem que lhe hei-de fazer
Vá de pintura verbal.

Inda nam vi semelhante
Dilúvio de pedra e cal /**[78]**/
Babilónia de mais línguas
Arca de tanto animal.

Certamente afirmar posso
Que de doutrina braçal
Tanto mestre nam topey
Nem vi tanto oficial

Huma Babilónia era
Mas namque era mais formal
Porque a céo sede regia
E a outra foy emformal.

Nam creio que haja no mundo
Edefício tam cabal
Porque nenhum chega a este
Português Escurial.

A Batalha hé hum dezerto
Alcobasa hum araiál
Huma imperfeição Belém
E só Mafra hé principal.

Foy formada a toda a presa
Mas tudo o Braso Real
Nem se vio ainda a Capucha
Estrondo tam liberal.

Bem mostra ser Deos da terra
Quem do caos de hum carrascal
Criam hum fermoço mundo
A tantos universal.

Era tudo o que vi junto
Hum primor artificial
Artificial mal diçe /^[79]/
Que era tudo natural.

Eu vendo tantos prodígios
Posto que condicional
O meu pronóstico fis
Que também sou sarrabal.

E hé que há-de vir da Ericeira
Direito a Mafra hum canal
Por onde os barcos caminhem
E seja estrada naval.

Item que virá a ser povo
De hum e doutro tribunal
Com justiça em crime, e cível;
Com senado, e vidigal.

E que emfim será o que era
Até gora hum arcal
Para os Frades hum condado
Mayor que o do Sabugal.

Onde as almas terem muito
Regalo espiritual,
Posto que no muito vento
Também será temporal.

Isto hé (Deos sobretudo)
O que dou neste idital
O submetendo-me à igreja
Entrarei mais a moral.

Jezus que soberba obra
Fermoza e sustancial
Na Itália não hé pocível
Que haja pedraria igual.

/[80]/

Tais pedras se tem achado
Naquella mina actual
Que só resta descobrir
A pedra philosophal.

Eu me vi e eu me revi
Na igreja e seu frontal
Hum espelho é cada pedra
Mais pura do que hum crystal.

Seu introito cá na minha
Também fabrica ideal
Grande portal o supunha
Mas nam o tinha portal.

Das colunas a iminência
Hé como a de hum Cardeal
Sam Pedro as mantém maiores
Na sua igreja Papal.

Se o noso Alcides nam fora
Sempre a mais niminal
De molde o *non plus* lhes vinha
E com letra garrafal.

Pintadas por natureza
De excelente vizual
De outras nenhuma sam cópia
Sam de si original.

O zimbório de huma ilha
De Madeira, e de Faial
Que hum Pico há-de ser mármore
Em forma piramidal.

/[81]/

Sam Vicente atrás lhe fica
Santa Eugenia, hé eternal
A Graça lá tem alguma
Porém Mafra tem mais sal.

Sam Niculao hé sofrível
Santa Justa hé trivial
A Sé velha, hé huma Sé velha
O Hospital, hu Hospital.

A Misericórdia he rica
Para o vivente e o mortal;
Também tecto totalmente
Mas Mafra hé mente total.

O Alicrim hé huma folhagem;
O Loreto hum pedernal
São Roque huma boa casa
Santo Antam, hum bom cazal.

A Sé nova hé asim asim
Sam Juliam, tal, e qual;
Sam Francisco huma pobreza;
São Domingos, hum terral.

O Carmo cahio agora;
A Trindade tem pontal;
A do Sacramento hé mesmo
Como aquella do Quental.

São Paulo tem boa vista
E só hé no esencial
Huma coluna da Igreja
Onde fes hum pedestal.

/[82]/

A dos Paulistas hé mina
De pedra superficial
E inda que ouro nos mostre
Nam será mina geral.

O Caetano ainda bem
A do Desterro inda mal
A de São Bento hé mongice
A de Jezus, hum cardal.

À Esperansa nem do[u] nome
Para ser mayor seval:
Mas ainda asim hé virtude
Juntamente Theologal.

Os outros Templos de freiras
Com todo o seu emxoval
De pedra pedem esmola
A Mafra em memorial.

Santo António de Lisboa
Hé mayor que o do Tojal
Mas foy hum milagre achar-se
Riqueza em pobre sayal.

Nesta que além da Sé fica
Paroquia individual
Bem cabe Sam Jorge a pé
Mas a cavallo bem mal.

Sam Lourenço hé bem chamado
Para voto (?), ou austral
Porem a igreja hé de grelhas
Ou de gralhas hum coval.

/[83]/

Sam Christovam, sim de grande
E o mayor que há no misal
Mas todo o corpo da igreja
Cobre elle com seu pinhal.

O Paraizo só hé
(Falandu do material)
Pella humildade arctectura
Paraíso terreal.

Sam Bartholomeu hé igreja
Porem lá tem hum frechal
Que hé o Diabo em que se pega
O fogo de Sam Marsal.

O Salvador, Magdalena
E a do Monte doutoral
Sam como os Mártires, que inda
Moram no Ferregial.

Nas Merses, também nam veyo
Que haja alguma especial
Sam Martinho com meia capa
Se cobre ou meyo sendal.

Os Anjos emquanto aos Anjos
Hé couza celestial
Emquanto a igreja vimos
Alguma mais curial.

No castello a Santa Crus
Hé de igreja hum sinal
O Socorro dava ajuda
A algumas; e hoje hé neutral.

/[84]/

Sam Sebastião lá fica
Afastado do uzual
E ainda que tem pedreira
Apenas chega a hum cunhal.

Santos, hé minorada igreja
Na Trindade fraternal
Isto hé no vulgar sentir
Que nam hé no literal.

A Glória pella calçada
Pena me dá corporal
A Pena também hé pena
Ficar lá junto ao curral.

Sam Mamede, Santo André
Sam Thomé, e a Marinhã
Sam quatro, e nam fazem huma
Em vulto parochial.

Sam Pedro, Sam Joam da Prasa
Sam Miguel e outra que tal
Sam de Alfama, e nam sam couza
Sendo couza oriental.

Sam Tiago hé hum buraco
Os Loyos he pombal
Santa Luzia, hum asqueiro
Santa Apolónia, hum queyxal.

Os Grilos huma gaiola
Mas de bom canaveal
Onde qualquer delles canta
Muito melhor que hum pardal.

/[85]/

No Riglafoles me dizem
Que há nova oraçam mental
Mas esta nam honra o Livro
Que hé de oraçam mental.

Sam José (¹⁹) me hia esquecendo
Sendo também Patriarcal
Hé de pedra huma relíquia
E de pao hum santoral.

Nesta disfeita de igreja
Por minha ordem bocal
Só na Conseiçam nam foco
Que hé hum templo virginal.

Se outra me escapar alguma
Será culpa venial
Que a deixe por escondida
Ou por pobre pastoral.

Finalmente nam há igreja
Como a de Mafra triunfal
E os arquitetos das outras
Digam se a prova he legal.

Venham com as contraditas
E haja vista a meu fiscal
Que bem necessita della
Pello esquerdo lagrimal.

¹⁹ Poderá ser São José da Anunciada, ou São José dos Carpinteiros.

Venha com seu porto frio
Metendo em roda apanal
Que nam será o primeiro
Emjeitado madrigal.

/[86]/

Nam poso mais por agora
Porque a falta de olival
Me vay tirando a candeya
Nem tenho outro castiçal.

Perdoem-se se nam fuy
Na relacam pontual
Que ainda o serei na audiência
Do grande pontifical.

E quem deytou nesta obra
A pedra fundamental
Logra eternas estas minas
E as outras do outro metal.

De humas, rochedo perene
De outras rio, manancial;
Veja, e viva, até que seja
Só do Mundo o Imperial.

Dando ao militar aumento
Adornos ao Clirical
Ensinos ao ministril
E prémios ao sircical.

Pouis en tal receita eu fio
Sendo a todos cordeal
Que a Glória alcance, por meyo
Da graça medicinal.

Eu o escrevi neste Reino
Com licensa triunfal (?)
E se imprimio na oficina
Da Oliveyra musical.

Quintetos ao Dia Universal

Aquel dia universal
La muerte sera burlada
In dias em ju tribunal
A la hora sinalada.
Juntara el biem y mal

Aquel buen hijo encarnado
Quando lha tuba lhamar
Despues de haver sentado
Com el padre singular
Jusgaram todo el pecado.

Co el poder paternal
A alma há-de ser jugada
Dando couza muy cabal
Y non será perdonada
O com toga, ou com sayal.

En el trono colocada
Há-de el supremo lhamar
El pequeno, o grande estado
La creatura que lhamar
Tendra lugar decretado.

Há-de jusgar nuestro mal
La creatura sentenciada
E aziendo la un todo igual
Será luego ali lhamada
Em termino dezigual.

Quando Dios se haze patente
Resuscitando a los muertos
Cara justicia timiente
Com juizos muito sertos
Mirando toda la gente.

Aqui não hara temerozo
Com pavor e com piricia
Viendo el motim populazo
La aduloceneia e puericia
Com o aspecto rigurozo.

Poniando iradamente ⁽²⁰⁾
 Com asientos mas espertus
 Da mara toda lagente
 Arguira sus dezasertos
 Quidando tudo patente.

Pardor al facinorozo
 Y sin que seja injusticia
 Al camino mas forsozo
 Castigando la dilicia
 O lo feo o lo hermozo.

El suplicio mas ardiente
 Tiemo lharam discuensertos
 A lugar mas conviniente
 Ain que estea en lus dizierles
 Todo se tendra prexente.

Sen segun estan lançadas
 Liendo las a nuestro modo
 Vinte e sinco declaradas
 Pero liendo a papel todo
 Muchas mais seran habladas.

Puede recelarce el mal
 Siendo la terra dexada
 Todo se há-de hazer igual
 La creatura se esculpada
 Tendra castigo fatal.

Quando se oyer el pecado
 Todos se veran estar
 Con el miedo que há cauzado
 Há-de el juis castigar
 Sin ser nada perdonado.

Escucho el mundo em geral
 Alla vos que es promulgada
 Yacendo elo universal
 Viendo luego juntada
 Non tiniendo menos mal.

Viene Dios apassionado
 Y el alma que há-de sembrar
 Dira todo su pecado
 Sin que pueda no negar
 Al eco que es declarado.

Pera dar castigo igual
 Sin que seja perdonada
 El alma que ha heixo mal
 Al juizio a que es invocado
 Vendra con presa greal (sic).

Mira-las pues com cuidado
 Alo traves o direixo
 Alo torto o retrogrado
 Pues segundo lhas sospeicho
 Ha lharas vieron contando.

Quies juizo omnipotente
 Hasta en las miesmas diziertas
 Sin que pueda huir la gente
 De sus fuegos mas dispiertas
 Com la furia mas ardiente.

Todo el rezebe es forsozo
 Mal diziendo a la malicia
 Mostrara so regaron
 No deixando la codicia ⁽²¹⁾
 Del conflito temerozo.

²⁰ A passagem da página 87 para 88 ocorre neste ponto.

²¹ A passagem da página 88 para 89 ocorre neste ponto.

Pues de hundias obidiente
Con ecos los mas dispiertos
Todo el furor mas patente
Y el alma em sus desconsiertos
Hes sentidas de viviente.

El castigo rigurozo
Por mal gara la gusticia
Con el pavor hororozo
Tendra la quaixa prospicia
Lhegara al fim medrozo.

A la pena mas urgente
La vida de tantos muertos
Sera luego padiciente
Com sentidos nada insertos
Todo el mundo encontinente.

Del que habita el tribunal
Se oyra embaxada
De aquel concurso fatal
No puede ser rezervada
La persona principal.

Sy se castiga el culpado
Pues Dios lhe há-de castigar
Comforme for el pecado
Del pago que há-de llevar
El que fuere condenado.

Claras muestras de su mal
La culpa há-de ver contada
El alma en vas principal
Lhevara por condenada
Los irros de racional.

Pues as que aja pecado
Del império simgular
Y con elo mas turbado
Si alma lo quejo imitar
Siendo todo bien jugado.

Pera la culpa fatal
Sin que deixe escapar nada
Del fuego tam infernal
De la pena perparada
Aquel dia universal.

Emblema

Em huma das targes se poderá pintar em o lado esquerdo da parte superior hum sol lustrozamente resplandecente, e emolado direito na parte inferior se pintará hum girasol, cujo aseyo se deixa ao primor do artefece; e só lhe adverte, que tenha /[90]/ a áste bastantemente levantada, e a flôr superior inclinada para o mesmo sol; e em distância proporcionada hum do outro, para sem comfuzam se lerem as letras seguintes; da parte do Sol para a flor se escreverá em hum listam esta letra: Adme com vercio e jus \act. 9/: e da flor para o Sol em outro listam se escreverá esta: quid me vis faceret. A valentia do emblema está em que esta flor como dize os naturais, tem tal amor ao sol que virada para elle sempre o vay seguindo desde a menhem (sic) até à noute, e tanto que este astro nase em oriente, a flor que tinha ficado voltada para o occidente, se volta logo, e vira para elle para seguir seu movimento asim São Paulo, tanto que Christo sol de justiça lhe apareceo resplandecente no caminho de Damasco inclinou a cabeça caindo por terra, com huma pronta e rendida vontade para lhe obedecer como explica aquele seu: Domini quid me vis facere.

Huma 2.^a targe se pintará hum leam ferocissimo postrado por terra, e em a parte superior se pintará Christo lansando de si muitos rayos de lus entre núvens resplandesentes, ao pé do leam se pintará em hum listam esta letra: Mistescit ab igne: A propriedade do emblema está; em que este será sendo a mais feros de todas a ningém temendo, e com nada se abranda, senão com o fogo asim. São Paulo, sendo hum leam brabo contra os cristãos como explica aquelle: Spirans minarum: Act. Vendo a Christo despedidndo rayos de fogo, logo se amansou. Act. Neste emblema se pode acrescentar esta letra que venha da parte de Christo para o leam: Sircum fulcit cumlas de cello: Act. Cap.9.

Finis Laus Deo

Índice Remissivo

A

Abel, 65
 Abóbada, 21, 34
 Acampamento, 12, 13, 15, 28, 38
 Açougue, 15
 Água, 4, 7, 14, 27, 56
 Água, aqueduto (arcos), 27, 57
 Água, cano de abastecimento, 57
 Água, cano de repuxo, 57
 Água, Fonte da Estrada, 56
 Água, Fonte do Pinheiro, 56
 Água, fontes, 27, 56, 57, 61
 Água, grande pia de pedra, 57
 Água, mãe-de-água, 57
 Água, nascente, 26
 Água, nora, 26
 Água, tanques, 26, 27, 56
 Alcazar, 59
 Alcides, mitologia, 71
 Alfama, 75
 Alicante, 28
 Alicerces, 5, 6, 11, 24, 25, 26, 36, 37
 Alimentos, 4, 12, 14, 15
 Altares, 22, 34
 Altar-mor, 5, 21
 Alvenéis, 4, 11, 37
 Aparelhadores, 50, 51
 Apolo, mitologia, 58
 Arquitetos, 11
 Artemizia, mitologia, 59
 Astúrias, 44

B

Babilónia, 36, 44, 48, 69
 Bárbaros, 65
 Basílica, 5, 11, 16, 19, 20, 43, 60
 Basílica, escadas em caracol, 20, 45
 Basílica, porta principal, 19, 33
 Basílica, portas-travessa, 20
 Basílica, sagração, 4, 54
 Batalha, 70
 Belém, 70
 Bélgica, 6
 Berlengas, fortaleza, 49
 Berlengas, ilha, 48
 Botica, 14
 Brandão, Tomás Pinto, 3, 69
 Brasil, 44, 59

C

Cabouqueiros, 4, 11
 Caim, 65
 Camões, 9
 Canteiros, 4, 11, 13, 16, 19, 33, 38, 51
 Capela de Nossa Senhora da Conceição, 5
 Capela de São Pedro de Alcântara, 5
 Capela-mor, 5, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 34, 35
 Capelas, 19, 20, 21, 22, 23, 34, 59, 60
 Capelas, portais, 20
 Capelas-colaterais, 20, 21, 22, 34, 35
 Capelas-laterais, 5
 Capitéis, 16, 17, 19, 32, 47
 Capuchos, convento, 48, 70
 Capuchos, Ordem de São Francisco, 14
 Cardais (Convento de Nossa Senhora da Conceição), 76
 Cardeal Patriarca de Lisboa. *Consulte* D. Tomás de Almeida
 Carneiro (cripta), 22
 Carpinteiros, 4, 11, 37, 44
 Carta detratadora, 3
 Casa do Refeitório, 6, 25, 26, 27, 36
 Casal do Pinheiro, 26
 Casas de Amassar, 25
 Casas de madeira, 4, 14, 15
 Católicos, 63, 65
 Cavalaria, 11, 13, 26, 37, 56
 Cavalariças, 4, 14
 Celas, 26
 Cerca, 26, 57
 Chaminés, 25
 Cimalhas, 16, 20, 23, 45, 47
 Cinco chagas, 66
 Cinco dotes, 66
 Cinco letras, 67
 Cinco metais, 66
 Cinco pedras, 66
 Cinco sentidos, 66
 Cirurgião, 14
 Claustros, 24, 25, 26
 Colunas, 5, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 32, 34, 35, 45, 47, 61, 62
 Comércio, 68
 Companhia de Jesus, 42
 Convento, 24, 30, 36, 57
 Convento da Graça (Lisboa), 72
 Convento da Santíssima Trindade (Lisboa), 72, 75
 Convento de Nossa Senhora da Conceição (Cardais, Lisboa), 76

Convento de Nossa Senhora da Esperança (Lisboa), 73
 Convento de Nossa Senhora das Mercês (Lisboa), 74
 Convento de Nossa Senhora de Jesus (Lisboa), 73
 Convento de Nossa Senhora do Carmo (Lisboa), 72
 Convento de Nossa Senhora do Paraíso (Lisboa), 74
 Convento de Nossa Senhora do Socorro (Lisboa), 75
 Convento de Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição dos Milagres (Sacavém), 74
 Convento de Nossa Senhora e Santo António (Mafra), 76
 Convento de Rilhafoles (Lisboa), 76
 Convento de Santa Apolónia (Lisboa), 76
 Convento de Santa Maria Madalena (Lisboa), 74
 Convento de Santo António (Capuchos), 48
 Convento de Santo António da Convalescença (Lisboa), 73
 Convento de Santo Elói ou dos Lóios (Lisboa), 76
 Convento de São Caetano (Lisboa), 73
 Convento de São Domingos (Lisboa), 72
 Convento de São Francisco (Lisboa), 72
 Convento de São Julião, 72
 Convento de São Nicolau (Lisboa), 72
 Convento de São Paulo, Lisboa, 73
 Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento (Lisboa), 72
 Convento do Desterro (Lisboa), 73
 Convento dos Capuchos, 70
 Convento dos Grilos (Lisboa), 76
 Convento dos Paulistas (Lisboa), 73
 Coplas (poesia), 69
 Cordeiro místico, 59
 Coro, 16, 17, 19, 33, 45, 60
 Corpo da Igreja (nave), 19, 20, 21, 22, 23, 74
 Corredores, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 36
 Cozinhas, 6, 25, 27, 36
 Cripta (carneiro), 22
 Cruzeiro, 21
 Custódio Vieira, 3, 6, 9, 13, 41, 44, 61

D

D. Afonso Henriques, 66
 D. António, Infante, 6, 54
 D. Francisco, Infante, 6, 11, 54
 D. João V, 6, 9, 11, 13, 14, 23, 27, 28, 30, 36, 37, 38, 40, 48, 54, 55, 59, 67, 68
 D. Manuel I, 48
 D. Pedro II, 11
 D. Tomás de Almeida, 6, 54
 Damasco, estrada de, 82
 David, 65, 66
 Descalços de Santo Agostinho (Grilos), 76
 Despesas, 25
 Desterro, convento, 73
 Dias santos (feriados), 56, 57
 Dormitórios, 5, 15, 22, 23, 24, 36, 37, 38

E

Egipto, 59
 Embarcações, 48, 54
 Emblema, 3, 82
 Enfermarias, 14
 Engenheiro-mor. *Consulte* Custódio Vieira
 Engenhos, 6, 17, 42, 44, 50, 53, 61
 Entalhadores, 16
 Éolo, mitologia, 58
 Ericeira, 44, 48, 56, 61, 70
 Ermida de madeira, 14
 Ermida de Santo António, 30
 Eros, mitologia, 62
 Escadas, 17, 25, 26, 32, 33
 Escadas, presbitério, 19
 Escorial, mosteiro, 70
 Escultura, Alfaias litúrgicas, 5, 19, 33
 Escultura, Anjos, 5
 Escultura, Cristo crucificado, 5, 21, 35
 Escultura, frontaria, 16
 Escultura, óculo da frontaria, 17
 Escultura, pirâmides, 47, 53
 Escultura, Serafins, 17, 21, 23, 45, 47
 Escultura, torres sineiras, 45, 47
 Esculturas, pirâmides, 51
 Espanha, 28
 Estatutos da Ordem Franciscana, 61
 Estrada Real, 27, 40, 49
 Europa, 28
 Évora, 3, 67

F

Fachada Norte, 25
 Fachada Sul, 25
 Felipe IV, 28
 Ferragial, 74
 Ferreiros, 14
 Fisális (flores), 48
 Foguetes, 51
 Fonte do Pinheiro, 56
 Fornos, 25
 Frades arrábidos, 14
 Freixos (árvores), 48
 Frontaria da basílica, 15, 16, 17, 19, 32
 Frontaria, colunas, 16, 17
 Frontaria, escada, 16
 Frontaria, estátuas, 16
 Frontaria, janela de sacada, 16
 Frontaria, nichos, 16
 Frontaria, óculo, 17
 Frontaria, pórticos de entrada, 16

G

Galhofa, 63
 Galilé, 17
 Galilé, colunas, 17
 Galilé, escadas, 17

Galilé, nichos, 17
 Galilé, porta principal, 18
 Gentios, 65
 Girasol, 17, 82
 Golias, 66
 Grades, 19, 21, 22, 24, 25, 35
 Grilos, convento, 76

H

Hércules, mitologia, 62
 Hereges, 65
 Horto, 26
 Hospício, 14, 30
 Hospital, 14, 30
 Hospital Real de Todos os Santos (Lisboa), 72

I

Igreja da Encarnação na Rua do Alecrim, Lisboa), 72
 Igreja de Nossa Senhora da Glória (Lisboa), 75
 Igreja de Nossa Senhora da Pena (Lisboa), 75
 Igreja de Nossa Senhora do Monte (Lisboa), 74
 Igreja de Nossa Senhora dos Anjos (Lisboa), 74
 Igreja de Santa Cruz do Castelo (Lisboa), 75
 Igreja de Santa Eugénia (Lisboa), 72
 Igreja de Santa Justa (Lisboa), 72
 Igreja de Santa Luzia (Lisboa), 76
 Igreja de Santa Marinha (Lisboa), 75
 Igreja de Santo André (Lisboa), 75
 Igreja de Santo Antão do Tojal, 73
 Igreja de São Bartolomeu (Lisboa), 74
 Igreja de São Cristovão (Lisboa), 74
 Igreja de São João da Praça (Lisboa), 75
 Igreja de São Jorge (Lisboa), 73
 Igreja de São José (Lisboa), 76
 Igreja de São Lourenço (Lisboa), 74
 Igreja de São Mamede (Lisboa), 75
 Igreja de São Marçal (Lisboa), 74
 Igreja de São Martinho (Lisboa), 74
 Igreja de São Miguel de Alfama (Lisboa), 75
 Igreja de São Pedro (Lisboa), 75
 Igreja de São Roque (Lisboa), 72
 Igreja de São Sebastião da Pedreira (Lisboa), 75
 Igreja de São Tiago (Lisboa), 75
 Igreja de São Tomé (Lisboa), 75
 Igreja do Loreto (Lisboa), 72
 Igreja Patriarcal (Lisboa), 76
 Infantaria, 11, 26, 37
 Inglaterra, 66
 Itália, 71

J

Janelas, 16, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 34, 36
 Jardins, 26, 61

L

Lajeado, 20, 44
 Lisboa, 9, 11, 12, 13, 27, 28, 29, 38, 49
 Lisboa, Ribeira das Naus, 6, 44
 Lóios, convento, 76

M

Madeira, ilha, 72
 Mafra, Boa Vista, 14
 Mafra, feira, 14
 Mafra, Igreja matriz, 14, 29, 30
 Mafra, Paços do Concelho, 14
 Mafra, Pelourinho, 14
 Mafra, Quinta do Conde, 14
 Mafra, Vila, 4, 9, 11, 13, 14, 28, 29, 30
 Mármore, 5, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 34, 35, 59
 Marquês de Marialva, 44, 51
 Marte, mitologia, 62
 Médico, 14, 30
 Mesquitas, 66
 Mestre-de-obra. *Consulte* Custódio Vieira
 Militares, 4, 11, 13, 26, 36, 37, 51, 54, 62
 Mitologia, Alcides, 71
 Mitologia, Apolo, 58
 Mitologia, Artemizia, 59
 Mitologia, Éolo, 58
 Mitologia, Eros, 62
 Mitologia, Hércules, 62
 Mitologia, Marte, 62
 Mitologia, Musa, 69
 Mitologia, Vénus, 58
 Mosquetas (flores), 60
 Mosteiro da Batalha, 70
 Mosteiro de Belém, 70
 Mosteiro de Nossa Senhora do Monte Olivete
 (Grilos, Lisboa), 76
 Mosteiro de São Bento (Lisboa), 73
 Mosteiro de São Jerónimo, 48
 Mosteiro de São Vicente, 72
 Mosteiro do Escorial, 70
 Mosteiro do Salvador (Lisboa), 74
 Mouros, 49
 Murgeira, 27, 57
 Musa, mitologia, 69
 Música, instrumentos, 4, 13, 51
 Música, minuets, 65
 Música, órgãos, 60

N

Nabuco, 66
 Nichos, 17, 20, 34
 Nossa Senhora da Conceição (Cardais), convento, 76
 Nossa Senhora da Conceição, capela de, 5
 Nossa Senhora da Esperança, convento, 73
 Nossa Senhora da Glória, igreja, 75
 Nossa Senhora da Graça, convento, 72
 Nossa Senhora da Pena, igreja, 75

Nossa Senhora das Mercês, convento, 74
 Nossa Senhora de Jesus, convento, 73
 Nossa Senhora do Carmo, convento, 72
 Nossa Senhora do Loreto, igreja, 72
 Nossa Senhora do Monte Olivete (Grilos), mosteiro,
 76
 Nossa Senhora do Monte, igreja, 74
 Nossa Senhora do Paraíso, convento, 74
 Nossa Senhora do Socorro, convento, 75
 Nossa Senhora dos Anjos, igreja, 74
 Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição dos
 Milagres, convento, 74
 Nossa Senhora, dia de, 56

O

Obras, desastres, 26, 37, 51
 Oceano Atlântico, 13, 48
 Ofícios divinos, 5, 14, 23, 30
 Oitava (poesia), 68
 Ordem de São Francisco, 66
 Ordem de São Francisco (Capuchos), 14
 Órgãos, 60
 Ouro (do Brasil), 59
 Ovídio, poeta, 57

P

Padeiros, 11
 Palácio Norte, 45
 Palácio Norte, entrada, 24
 Palácio Sul, entrada, 24
 Palácios, 5, 6, 18, 23, 24, 30, 38, 45, 61, 62
 Palácios, corredores, 24
 Palácios, entradas, 23, 24
 Palácios, escadas, 24
 Palácios, frontaria, 24
 Passadiços, 20, 22, 24, 25
 Paulistas, convento, 73
 Pedreiras, 50
 Peixaria, 15
 Pero Pinheiro, 50
 Pia de água-benta, 19
 Pico, ilha, 72
 Pirâmides do Egipto, 59
 Pomares, 26
 Praça (venda de alimentos), 14
 Presbitério, 19
 Princesa das Astúrias, 44
 Princesa do Brasil, 44

Q

Quental, 73
 Quintetos (poesia), 3, 79

R

Refeitório. *Consulte* Casa do Refeitório
 Regra de São Francisco, 61
 Relógios, 17, 32, 45, 47, 61
 Retábulos, 5
 Ribeira das Naus (Lisboa), 6, 44
 Rilhafoles, convento, 76
 Rio Tejo, 13, 54
 Rio Trancão, 6
 Roma, 3, 11, 19, 28, 71
 Rosas (flores), 60

S

Sabugal, 71
 Sacavém, 6, 54
 Sacristias, 5, 22, 24, 35
 Sagração da basílica, 4, 54
 Salomão, 34, 58
 Salvador, mosteiro, 74
 Santa Apolónia, convento, 76
 Santa Casa da Misericórdia (Lisboa), 72
 Santa Cruz, igreja, 75
 Santa Eugénia, igreja, 72
 Santa Justa, igreja, 72
 Santa Luzia, igreja, 76
 Santa Maria Madalena, convento, 74
 Santa Marinha, igreja, 75
 Santíssima Trindade, convento, 72, 75
 Santíssimo Sacramento, convento, 72
 Santo André, 14, 29
 Santo André, igreja, 75
 Santo Antão do Tojal, 6, 54
 Santo Antão do Tojal, igreja, 73
 Santo António, 30, 48
 Santo António, convento, 73
 Santo Elói, convento, 76
 Santo Estêvão Rei da Hungria, 52
 São Bartolomeu, igreja, 74
 São Bento, convento, 73
 São Caetano, convento, 73
 São Cristovão, igreja, 74
 São Domingos, convento, 72
 São Francisco, 66
 São Francisco, convento, 72
 São Jerónimo, 48
 São João, igreja, 75
 São Jorge, igreja, 73
 São José, igreja, 76
 São Julião, convento, 72
 São Lourenço, igreja, 74
 São Mamede, igreja, 75
 São Marçal, igreja, 74
 São Martinho, igreja, 74
 São Mateus, Apóstolo, 54
 São Miguel, 54
 São Miguel, igreja, 75
 São Nicolau, convento, 72
 São Paulo, 82
 São Paulo, convento, 73

São Pedro de Alcântara, 54
 São Pedro de Alcântara, capela de, 5
 São Pedro de Roma, Basílica, 71
 São Pedro, igreja, 75
 São Roque, 72
 São Sebastião da Pedreira, igreja, 75
 São Tiago, igreja, 75
 São Tomé, igreja, 75
 São Vicente, mosteiro, 72
 Sé (Lisboa), 73
 Sé Nova (Lisboa), 72
 Sé Velha (Lisboa), 72
 Serralheiros, 14, 38
 Sinos, 4, 6, 13, 17, 32, 53, 54, 55
 Sintra (Pena), Mosteiro de São Jerónimo, 48
 Sintra, águas, 48
 Sintra, bosques, 48
 Sintra, Convento de Santo António, 48
 Sintra, jardins, 48
 Sintra, palácios, 48
 Sintra, pomares, 48
 Sintra, serra, 48
 Sintra, Vila, 48
 Sol, 13, 82
 Subterrâneos, 22, 24, 35, 45
 Subterrâneos, armazéns, 22, 45
 Subterrâneos, corredores, 22
 Subterrâneos, cripta ou carneiro, 22
 Subterrâneos, escadas, 22, 25

T

Tabernas, 14
 Terreiro, 24
 Tomás Pinto Brandão, 3, 9, 69
 Torre sineira Norte, 50, 54
 Torre sineira Sul, 50, 51, 54
 Torres sineiras, 6, 16, 17, 18, 24, 32, 41, 42, 44, 45, 47, 55, 60, 62
 Torres sineiras, cimalthas, 47, 51
 Torres sineiras, colunas, 47
 Torres sineiras, escadas, 44
 Torres sineiras, púrpuras, 42, 50, 51, 52
 Torres sineiras, remates, 45, 51, 53
 Torres sineiras, ventanas, 47
 Trabalhadores, 4, 6, 11, 13, 14, 16, 36, 38
 Tribunais, 20, 21
 Túlipas (flores), 60

V

Vendas Novas, 44
 Vénus, mitologia, 58
 Vergel (pomar), 60
 Versos (poesia), 68
 Viana do Castelo, Porto, 48
 Vidros, Fábrica Real, 20
 Vieira, Custódio, 3, 6, 41, 42, 44, 61

Z

Zimbório, 5, 23, 33, 72
 Zimbório, colunas, 23